

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Linhas no novelo do divórcio -
Empatia interpessoal dos pais e estilos parentais no
ajustamento psicológico dos filhos**

Joana Mota Lourenço

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Linhas no novelo do divórcio -
Empatia interpessoal dos pais e estilos parentais no
ajustamento psicológico dos filhos**

Joana Mota Lourenço

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)

2017

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Narciso, por todos os ensinamentos ao longo destes anos, por me ter guiado neste desafio. Obrigada por me inspirar a dar o meu melhor.

À Doutora Mariana Fernandes, pela disponibilidade incondicional, pelas palavras de incentivo e por todo o apoio.

Às grandes amigas que o mestrado me trouxe, Alexandra, Beatriz, Carolina, Cláudia, Margarida, Sara e Teresa, por tudo o que partilhámos nestes dois anos, pelos sorrisos, lágrimas, ansiedades, por serem quem são. É um orgulho poder dizer que partilhei esta etapa da minha vida com vocês.

Às minhas grandes amigas, Auni, Inês Loureiro e Inês Pereira, por sentir que todo este percurso se tornou mais leve convosco, por todo o carinho e amizade. Obrigada por me motivarem e por todas as memórias felizes que levo destes últimos cinco anos.

À Inês d'Avó, Inês Dias e Sara, por todas as partilhas, aventuras e risos infinitos.

À Rita, pela amizade e apoio incondicional durante toda esta etapa. Por ser um dos principais pilares da minha vida e por nunca ter deixado de acreditar em mim.

À minha família do ComParte, tudo o que passei com vocês este ano fez com que ganhasse mais coragem para abraçar este desafio. Obrigada por não duvidaram de mim, até mesmo quando eu duvidava.

À minha família, por me terem sempre incentivado a seguir os meus sonhos.

A todos os pais que aceitaram participar neste estudo.

A todas as famílias que passam por esta etapa desafiante. Que a investigação e a clínica estejam sempre de mãos dadas, com o objetivo de diminuir o impacto do divórcio nas vossas vidas.

Resumo

O divórcio é uma realidade cada vez mais comum nas famílias portuguesas, trazendo consequências a vários níveis. O presente estudo teve como objetivos: 1) verificar se existem diferenças entre pais em situação de divórcio e pais em situação de conjugalidade intacta relativamente às variáveis principais em estudo - empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos; 2) analisar as associações entre as variáveis empatia interpessoal, estilos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos de casais em contexto de situação de conjugalidade intacta e em contexto de divórcio; 3) analisar o contributo de variáveis sociodemográficas (sexo dos pais; sexo dos filhos; configuração familiar), empatia (tomada de perspetiva e preocupação empática) e estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo) para o ajustamento psicológico dos filhos. Participaram nesta investigação empírica 332 indivíduos com filhos entre os 6 e os 12 anos, dos quais 172 se encontravam em situação de conjugalidade intacta e 160 em situação de divórcio. Os instrumentos utilizados no protocolo foram o Índice de Reatividade Interpessoal - IRI, o Questionário De Estilos Parentais - QDEP, e o *Strengths and Difficulties Questionnaire*, SDQ-Port. Os resultados revelaram que uma parentalidade negativa, seja em contexto de conjugalidade intacta ou em situação de divórcio se associa a um pior ajustamento psicológico dos filhos. Os resultados também indicaram que pais empáticos tendem a exercer uma parentalidade positiva, o que sugere que pais que apresentam um estilo parental autoritativo têm uma maior capacidade de adotar os pontos de vista e de experienciar os sentimentos das pessoas em seu redor.

Palavras-chave: Divórcio; Empatia; Parentalidade; Estilos parentais; Ajustamento psicológico.

Abstract

Divorce has become a common reality among Portuguese families and has been showing to have consequences on multiple levels. The present study aimed to: 1) compare the differences between divorced parents and married parents in relation to the interpersonal empathy of parents, parental styles and children's psychological adjustment; 2) examine the associations between interpersonal empathy, parental styles and children's psychological adjustment in divorced and married context; 3) analyze the contribution of sociodemographic variables (children's sex, children's sex, family configuration), empathy (perspective taking and empathic concern) and parental styles for children's psychological adjustment. The sample consisted of 332 participants with children between the ages of 6 and 12 years old, 172 of which were married and 160 were divorced. The instruments used in the protocol were the Interpersonal Reactivity Index - IRI, the Parenting Styles Questionnaire - QDEP, and the Strength and Difficulties Questionnaire, SDQ-Por. The results showed that negative parenting, either in the context of intact conjugality or in divorce, is associated with a worse psychological adjustment of the children. The results also revealed that empathic parents tend to use more positive parenting practices, which suggests that authoritative parents have a greater capacity to adopt the views and the feelings of others.

Keywords: Divorce; Empathy; Parenting; Parental Styles; Psychological adjustment.

Índice Geral

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Método.....	11
Resultados.....	18
Discussão	26
Conclusão	33
Referências Bibliográficas.....	35

Anexos

Anexo – Excertos do Protocolo

Índice de Quadros

Quadro 1. Estatísticas Descritivas das Variáveis em Estudo e Diferenças de Médias em Função da Situação Conjugal do Participante.	19
Quadro 2. Correlações entre as Variáveis em Estudo em Participantes em Situação de Conjugalidade Intacta.	22
Quadro 3. Correlações entre as Variáveis em Estudo em Participantes em Situação de Divórcio.	23
Quadro 4. Análise de Regressão Múltipla para a Variável Dependente Total de Problemas.	25

Índice de Figuras

Figura 1.

Mapa Concetual.....	12
---------------------	----

Introdução

Nas últimas décadas, tem-se verificado um grande aumento do número de divórcios, na sociedade ocidental. Em Portugal, a taxa de dissolução de casamentos por divórcios é elevada (apesar de ter sofrido uma quebra a partir de 2011), situando-se em 70,4% no ano de 2011 (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2016), o que contrasta com a média percentual da União Europeia que se situa nos 46,1% (Eurostat, 2017).¹

São inúmeros os fatores que, de acordo com a literatura científica, podem explicar o crescente número de divórcios. A degradação da relação e o abuso ou violência domésticas (Pereira & Pinto, 2015), as condições sociais (Orbuch, Veroff, Hassan, & Horrocks, 2002) e económicas (Dush, Kotila, & Schoppe-Sullivan, 2011) e as condições culturais (Bratter & King, 2008), são algumas das hipóteses levantadas pela literatura.

A investigação sobre o divórcio tem vindo a aumentar ao longo dos anos (e.g. Amato, 2010; Pereira & Pinto, 2015; Williamson, Nguyen, Karney, & Bradbury, 2015), o que reflete, possivelmente, a preocupação científica com as significações, causas e consequências deste fenómeno. Embora já exista uma literatura extensa sobre o divórcio, a investigação nesta área torna-se pertinente dado o carácter complexo da mesma. O presente estudo pretende analisar, através da perceção dos pais, o contributo da empatia interpessoal dos pais e dos estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo) no ajustamento psicológico da criança cujos pais estão divorciados.

Este estudo foi realizado num âmbito de uma dissertação de mestrado e tem a seguinte estrutura organizada em cinco secções: o Enquadramento teórico que permite ter uma visão geral sobre as variáveis envolvidas no estudo e as relações entre elas já estudadas por outros investigadores; o Método, onde se apresenta a abordagem metodológica, o desenho do estudo, os objetivos, o mapa conceptual e as hipóteses relativas ao presente estudo, e, ainda, a descrição dos participantes, do procedimento, dos instrumentos de recolha e do processo de análise de dados; os Resultados obtidos após o processo de análise; a Discussão, onde se reflete sobre os resultados bem como sobre as limitações e contributos do estudo; e, por fim, a Conclusão com uma síntese dos resultados principais e uma reflexão sumária sobre a relevância do estudo realizado.

¹ Estes números não incluem os dados referentes a situações de separações sem divórcio nem ruturas conjugais de casais em união de facto ou em coabitação conjugal.

Enquadramento Teórico

O Impacto do Divórcio em Pais e Filhos

Face a uma situação de divórcio inevitavelmente associada a múltiplos fatores de stress, a família tem de se reorganizar para poder responder adaptativamente (Alarcão, 2000). A intensidade de stress pode desencadear uma crise que poderá dificultar o processo de adaptação. Em grego, crise (*krisis*) significa momento decisivo, e surge porque o sistema se apercebe das mudanças, sentindo-se ameaçado (Alarcão, 2000). Embora grande parte da investigação adote a perspetiva do divórcio enquanto crise (momento decisivo), a literatura tem demonstrado que existem aspetos que perduram ao longo do tempo (Amato, 2010). Assim, o divórcio pode também ser conceptualizado como um processo que envolve várias etapas que ocorrem antes e depois do momento exato da separação (Lansford, 2009).

De acordo com uma conceção mais processual, a literatura científica tem-se focado no impacto do divórcio nos pais e nas suas consequências para os filhos. Em relação aos membros do casal, verificou-se que o divórcio contribui não apenas para o aumento de sentimentos depressivos, como também para níveis mais baixos de autoestima, estando também associado a níveis mais baixos de saúde mental nos homens (Symoens, Colman, & Bracke, 2014). Os casais divorciados com filhos, apresentam períodos de grande stress, fraca saúde mental, menor bem-estar emocional e stress psicológico (Leopold & Kalmijn, 2016; Lorenz, Wickrama, Conger, & Elder, 2006; Wade & Pevalin, 2004; Waite, Luo, & Lewin, 2009). Apesar de o divórcio constituir um período de grande stress para ambos, esses níveis de stress tendem a normalizar, em média, dois anos após o momento do divórcio (Booth & Amato, 1991).

Vários estudos têm-se focado nos preditores do divórcio a nível social, demográfico e económico. Num estudo longitudinal, Orbuch e colaboradores (2002) demonstraram que condições sociais opressivas e a qualidade negativa da relação entre o casal são fortes preditores de risco de divórcio. Noutra investigação longitudinal, Lavner e Bradbury (2012), estudaram um grupo de 136 casais que reportaram o mesmo nível de satisfação conjugal após 4 anos de casamento. Após 10 anos, compararam os casais que se divorciaram com aqueles que permaneceram casados e verificaram que no grupo em que os casais se divorciaram predominava um estilo de comunicação negativo e níveis baixos de apoio social. Os resultados do estudo de Pereira e Pinto (2015) mostraram que

a degradação da relação e o abuso ou violência doméstica são as principais causas do divórcio apontadas pelas mulheres portuguesas. Outros autores que abordaram o divórcio em diferentes contextos culturais, constataram que os casamentos entre pessoas de etnias diferentes são mais vulneráveis (Bratter & King, 2008; Sweeney & Phillips, 2004).

Relativamente aos preditores do ajustamento dos ex-cônjuges num período pós-divórcio, os recursos interpessoais são da maior importância no ajustamento psicológico. O apoio social, é outra das ferramentas que poderá ter um papel significativo no ajustamento psicológico e no bem-estar da díade pós o divórcio (Kołodziej-Zaleska & Przybyła-Basista, 2016). Entrar numa nova relação bem como a definição que a própria pessoa tem sobre o divórcio também são apontados na literatura como bons preditores do ajustamento pós-divórcio (Perrig-Chiello, Hutchison, & Morselli, 2015; Wang & Amato, 2000).

São numerosos os estudos empíricos realizados com o objetivo de analisar o impacto do divórcio em filhos de pais divorciados, tendo em conta diferentes variáveis, diversas abordagens e perspectivas (e.g., Bastaits & Mortelmans, 2014; Bernardi & Radl, 2014; Stallman & Ohan, 2016; Vélez, Wolchik, Tein, & Sandler, 2011). Os resultados têm sido bastante coerentes, mostrando que o divórcio se traduz em consequências negativas para as crianças, tanto a curto como a longo prazo (Amato & Keith, 1991). Quando comparadas com famílias intactas, crianças de famílias com pais divorciados revelam menor bem-estar psicológico, revelam mais ansiedade, mais problemas a nível comportamental, emocional e social (Amato, 2014; Amato & Cheadle, 2008; Amato & Keith, 1991; Størksen, Thorsen, Øverland, & Brown, 2012). Bastaits e Mortelmans (2014) realizaram um estudo sobre a importância da parentalidade materna e paterna no bem-estar de filhos de pais divorciados, acrescentando a hipótese de que o bem-estar pode depender das condições de custódia acordadas entre os pais. Resultados indicaram que tanto a parentalidade do pai residente como a do não residente ocupa um papel de importância no nível de autoestima e satisfação da criança no período pós-divórcio. Um decréscimo no contacto com um dos pais pode levar a consequências negativas no bem-estar da criança e a um pior ajustamento psicológico após o divórcio (Bastaits & Mortelmans, 2014). Existem também alguns estudos que apontam para algumas consequências a longo prazo do divórcio parental. Num estudo longitudinal de Friesen, Horwood, Fergusson e Woodward (2016), verificou-se que adultos que experienciaram o divórcio dos pais enquanto crianças exerciam uma parentalidade mais negativa. Outros

estudos apontam para consequências a longo prazo, ao nível de relações românticas (Collardeau & Ehrenberg, 2016; Cui, Fincham, & Durtschi, 2011).

O impacto negativo do divórcio nos filhos é explicado por numerosas razões, nomeadamente, o acumular de fatores de stress decorrentes da rutura no casal parental, a dificuldade de pais e filhos em diferenciar o subsistema conjugal do subsistema parental (Grzybowski & Wagner, 2010) e as dificuldades sentidas pelos pais em se mostrarem emocionalmente sensíveis às necessidades dos filhos num momento em que estão a lidar com as suas próprias emoções negativas e a gerir o seu próprio stress (Stallman & Ohan, 2016).

Empatia Interpessoal dos Pais e o Ajustamento Psicológico dos Filhos em Contexto de Divórcio

A empatia tem-se mostrado como um contributo essencial para o desenvolvimento da sensibilidade interpessoal e de competências sociais e pode ser vista como uma variável contínua ou dicotómica (Jolliffe & Farrington, 2004; Zhou et al., 2002). Alguns autores consideram a empatia como um traço inerente a cada um (e.g., Hoffman, 1982 cit. por Gerdes, Segal, & Lietz, 2010), outros defendem que a empatia é um estado cognitivo-afetivo que surge em certos contextos (e.g., Duan & Hill, 1996) e alguns conceptualizam-na como um processo interpessoal com várias etapas (e.g., Rogers, 1975). A empatia pode ser definida como uma tentativa de compreender as experiências negativas ou positivas do outro sem as julgar, (Wispé, 1986) e implica a capacidade de perceber e partilhar um estado emocional do outro (Cohen & Strayer, 1996). De acordo com Decety e Jackson (2004), a empatia surge da interação dinâmica entre 3 componentes: a partilha afetiva entre o *self* e o outro, consciência do próprio *self* e do outro e flexibilidade mental para adotar a perspetiva subjetiva do outro e regular esses processos. A empatia implica, pois, o sentido de familiaridade entre os sentimentos que um experiencia e aqueles expressados por outros, sendo que a compreensão dos sentimentos do outro não implica necessariamente que ocorra uma ação em suporte ao outro (Decety & Jackson, 2004). Em suma, considera-se que a empatia implica três processos: uma resposta emocional, sem necessariamente ter de partilhar o estado emocional do outro; a capacidade cognitiva de se colocar no lugar do outro e mecanismos reguladores para reconhecer quais os seus sentimentos e os do outro (Davis, 1983; Eisenberg, 2000).

Vários estudos tentam compreender a relação entre a empatia e a parentalidade, sublinhando particularmente o papel da empatia dos pais no desenvolvimento da empatia nos filhos. Num estudo realizado por Minzi (2013), verificou-se que a percepção das crianças relativamente ao grau de empatia dos seus progenitores tem um papel predominante no desenvolvimento da sua própria empatia, variando, contudo, de acordo com o sexo tanto dos pais como das crianças. Os resultados indicaram que, para além das mulheres apresentarem maiores níveis de empatia, eram também percebidas como mais empáticas pelos filhos, tanto do sexo feminino como do masculino, enquanto a capacidade empática dos pais (masculinos) era mais reconhecida pelas filhas. Minzi (2013) coloca a hipótese de este resultado estar relacionado com questões culturais, dado a sua relação com o género. Noutros estudos empíricos sobre empatia e parentalidade, também se verificou uma ligação direta entre a empatia interpessoal das mães e a dos filhos, sendo que níveis superiores de empatia emocional estavam associados a um maior desenvolvimento da empatia cognitiva do filho, não sendo esta relação mediada pela parentalidade (Farrant, Devine, Maybery, & Fletcher, 2012; Strayer & Roberts, 2004).

No que se refere à qualidade da parentalidade, a investigação tem observado que pais com uma parentalidade positiva, caracterizada pelo equilíbrio entre o suporte emocional e o controlo, são mais capazes de apoiar os seus filhos e de se mostrarem sensíveis, revelando que são capazes de tomar a perspetiva e de experienciar os sentimentos dos filhos (Soenens, Duriez, Vansteenkist, & Goossens, 2007). Constata-se, que níveis mais elevados de empatia na relação pai/filho estão associados a uma parentalidade caracterizada pelo apoio emocional aos filhos, por responsividade e afeto (Chase-Lansdale, Cherlin, & Kiernan, 1995; Krevans & Gibbs, 1996; Miklikowska, Duriez, & Soenens 2011; Zhou et al., 2002). No seu estudo, Manczak, DeLongis e Chen (2016) demonstraram que pais empáticos têm uma maior autoestima e que a empatia parental se associa a vários benefícios para os filhos, ao nível emocional, comportamental e psicológico. Pais que apresentam dificuldades em regular as suas próprias emoções e que tendem a ser menos empáticos e a demonstrar menos compaixão podem revelar dificuldades na parentalidade, nomeadamente na resposta às necessidades dos filhos (Jones, Cassidy, & Shaver, 2015). Num estudo de Strayer e Roberts (2004) com 50 famílias, verificou-se, que os pais de crianças com níveis mais elevados de raiva revelavam níveis mais baixos de empatia e afeto. No mesmo sentido, Tschann, Johnston, Kline e Wallerstein (1989) evidenciaram que as crianças com pior ajustamento comportamental e mais problemas emocionais tinham pais menos empáticos e afetuosos.

Ainda no âmbito da parentalidade, a relação entre empatia e vinculação tem também sido um foco de interesse da literatura empírica. A relação da criança com uma vinculação segura com o seu cuidador baseia-se num equilíbrio entre a independência e proximidade (Ainsworth, 1979). Num estudo realizado por Love e Murdock (2004), os autores verificaram que jovens com uma vinculação segura demonstram ter capacidade para responder de maneira empática em relação a outros e a si próprio sem confundir os sentimentos do outro com os seus. Stern, Borelli e Smiley (2015) verificaram o papel mediador da empatia parental entre o estilo de vinculação reportado pelos pais e o nível de segurança da vinculação das crianças. Os resultados evidenciaram uma relação negativa entre a empatia parental e o estilo de vinculação insegura evitante. O estilo de vinculação maternal inseguro evitante restringe a capacidade da mãe de compreender o outro afetivamente (Borelli, Vazquez, Rasmussen, Teachanarong, & Smiley, 2016), sendo que um estilo de vinculação insegura evitante está associado a uma redução dos níveis da sensibilidade parental (Jones et al., 2015).

No que se refere à investigação empírica focada na empatia parental e nos estilos parentais, alguns estudos empíricos exploram a capacidade preditora destas duas variáveis no desenvolvimento psicossocial das crianças. Com o objetivo de perceber se existe ligação entre os estilos parentais, a empatia interpessoal dos pais e os comportamentos pró-sociais nos adolescentes, Richaud, Mesurado e Lemos (2013) realizaram um estudo com adolescentes entre os 10 e os 16 anos. No seu estudo, os autores demonstram que ter pais e mães empáticas leva a mais comportamentos pró-sociais como o altruísmo nos adolescentes. Os resultados sugerem ainda que níveis altos de controlo e preocupação empática por parte da mãe, níveis altos de autonomia e de tomada de perspetiva por parte dos pais são preditores únicos para os comportamentos pró-sociais dos filhos. Assim, uma parentalidade caracterizada por níveis altos de controlo por parte da mãe e por níveis altos de permissividade por parte do pai poderão determinar a instabilidade emocional das crianças (Gryczkowski, Jordan, & Mercer, 2010; Richaud et al., 2013). Na mesma linha de investigação, Cone (2016), realizou um estudo com 199 jovens adultos, que tinha como objetivo perceber a influência da empatia e dos estilos parentais na autoestima dos jovens. Os resultados demonstraram não haver ligações significativas entre a empatia interpessoal dos pais e a autoestima dos filhos, no entanto verificou-se uma ligação significativa entre o afeto parental e a autoestima dos jovens adultos.

No que concerne especificamente à empatia interpessoal dos pais e a sua possível influência nos estilos parentais, Hart, Bush-Evans, Hepper e Hickman (2017) realizaram um estudo com 368 pais entre os 18 e os 75 anos, a fim de perceber se os indivíduos narcísicos optam pelo uso da parentalidade negativa (estilos parentais permissivo e autoritário). Indivíduos com níveis elevados de narcisismo têm níveis baixos de empatia e são caracterizados como autocentrados (Hepper, Hart, & Sedikides, 2014). Os resultados sugerem que níveis baixos de empatia associados a qualquer um dos estilos parentais e a níveis altos de narcisismo estão associados a um aumento da parentalidade negativa, caracterizada por níveis baixos de responsividade e de afeto. Estes autores verificaram, ainda, que a empatia e a responsividade parental mediavam a relação entre todos os níveis de narcisismo e o estilo parental autoritativo, no entanto, o mesmo não se verificou para o estilo parental autoritário, constatando-se apenas um efeito de mediação parcial. Indivíduos narcísicos (com níveis baixos de empatia) tendem a optar pelo uso de estratégias parentais negativas. Estes resultados podem ser explicados pela necessidade de poder e por estes indivíduos terem níveis baixos de empatia (Hart et al., 2017).

A literatura empírica sobre parentalidade e empatia em contexto de divórcio parece ser, tanto quanto é do nosso conhecimento, muito escassa. Num estudo de Ehrenber, Hunter e Elterman (1996), foram encontradas diferenças ao nível da empatia entre pais divorciados que têm um acordo mútuo após o divórcio e os que não chegaram a acordo. Os pais divorciados com acordo mútuo em relação à regulação das responsabilidades parentais tendem a ser mais empáticos e mais focados na criança do que pais divorciados discordantes, o que se traduz num maior bem-estar das crianças.

Estilos Parentais e o Ajustamento Psicológico dos Filhos em Contexto de Divórcio

As práticas parentais são comportamentos específicos que têm como objetivo a socialização da criança (Darling & Steinberg, 1993). Para Baumrind, a parentalidade varia consoante duas dimensões: o afeto, que se caracteriza pelo suporte e aceitação (comportamento manifestado pelos pais que faz com que a criança se sinta confortável na presença dos progenitores e aceite por eles) e o controlo que é caracterizado pela supervisão da criança e pelo estabelecimento de regras, (Baumrind, 1971 cit. por Galambos, Barker, & Almeida, 2003; Stewart & Bond, 2002). Considerando estas duas dimensões, Baumrind (1971 cit. por Galambos, Barker, & Almeida, 2003), identificou três estilos parentais, autoritativo, autoritário e permissivo. Os diferentes estilos parentais

são indicativos de várias características parentais e cada estilo resulta da combinação de diferentes níveis de suporte e controlo parental. Na literatura empírica, podemos encontrar vários estudos que exploram a associação entre os diferentes estilos parentais e o desenvolvimento psicossocial, problemas de comportamento, competências sociais e académicas das crianças (e.g. Baumrind, 1966; Padilla-Walker & Christensen, 2010; Schaffer, Clark & Jeglic, 2009). Pais autoritativos tendem a ter níveis elevados de controlo e afeto, são capazes de tomar decisões firmes em relação aos filhos, são claros no seu discurso e são mais responsivos; promovem a autonomia da criança, mantendo a supervisão e são flexíveis, oferecendo escolhas em vez de darem ordens; utilizam maioritariamente métodos disciplinares apoiantes em vez de punitivos (Baumrind, 1966; Milevsky, Schlechter, Netter, & Keehn, 2007). Pais autoritários são menos responsivos, apresentam um controlo elevado e baixos níveis de afetividade; tendem a ser inflexíveis, rígidos e críticos; apresentam predominantemente um estilo de comunicação baseado na agressividade e esperam que as suas ordens sejam obedecidas sem explicações (Furnham & Cheng, 2000). Pais permissivos tendem a aceitar os impulsos, desejos e ações dos filhos e requerem pouco dos filhos no que diz respeito às suas responsabilidades. A sua parentalidade caracteriza-se por níveis baixos de controlo e níveis elevados de afeto; monitorizam menos o comportamento dos filhos e impõem menos regras familiares (Furnham & Cheng, 2000).

A literatura é consensual relativamente ao impacto dos estilos parentais na saúde mental e no bem-estar das crianças (e.g., Aunola & Nurmi, 2005; Brannigan, Gemmell, Pevalin, & Wade, 2002; Stormshak, Bierman, McMahon, & Lengua, 2000). Vários estudos têm demonstrado que as crianças com pais autoritativos são as que apresentam níveis mais elevados de ajustamento emocional (Campana, Henderson, Stolberg, & Schum, 2008; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Milevsky et al., 2007), de autoestima e auto-confiança (Campana et al., 2008; Lamborn et al., 1991; Milevsky et al., 2007), maior satisfação familiar, maior aceitação pelos pares (Buri, Louiselle, Misukanis, & Mueller, 1988), maior satisfação com a vida (Lamborn et al., 1991; Milevsky et al., 2007) e um desenvolvimento mais rico de competências sociais (Hart, Newell, & Olsen, 2003).

Por outro lado, o estilo parental autoritário e o estilo parental permissivo têm sido associados a vários problemas no ajustamento psicológico das crianças. O estilo parental autoritário está associado, na criança, a níveis baixos de sucesso académico, de autoestima, e de competências sociais (Baumrind, 1991; Furnham & Cheng, 2000). Está

também relacionado com um aumento da ansiedade e do consumo de substâncias (Bronte-Tinkew & Moore, 2006; Wolfradt, Hempel, & Miles, 2003). Relativamente à parentalidade permissiva, investigadores têm demonstrado que o estilo parental permissivo se associa a níveis mais elevados de problemas quer de externalização, quer de internalização (Brakel, van Muris, Bögels, & Thomassen, 2006; Williams et al., 2009). Num estudo com 227 participantes jovens adultos, Schaffer e colaboradores (2009) verificaram ainda que o estilo parental permissivo contribui para um maior número de comportamentos antissociais em adolescentes.

Relativamente à parentalidade após o divórcio num estudo comparativo com mães em situação de conjugalidade intacta e mães em situação de divórcio, Nair e Murray (2005) verificaram que mães em situação de conjugalidade intacta tendem a apresentar o estilo parental autoritativo enquanto mães em situação de divórcio demonstraram níveis mais altos de parentalidade mais negativa (e mais depressividade). Alguns estudos demonstraram que embora possam existir algumas mudanças no período pós divórcio, existem mais semelhanças do que diferenças entre a parentalidade de pais casados e pais divorciados. Freeman e Newland (2002) verificaram que não existem diferenças no controlo parental ou responsividade de pais recém-divorciados e de pais casados. Num estudo de Jurma (2015), com crianças entre os 7 e os 15 anos, não foram encontradas diferenças significativas entre os estilos parentais entre mães divorciadas e casadas. Constatou-se ainda que níveis elevados de depressão e ansiedade em mães divorciadas provocavam uma parentalidade mais hostil.

Alguns estudos sugerem que os pais tendem a ser mais autoritários e usam mais vezes uma disciplina rígida quando comparados com as mães (e.g., Winsler, Madigan, & Aquilino, 2005). No que se refere à investigação empírica focada nos estilos parentais em famílias divorciadas, os resultados do estudo de Bastaits, Ponnet, Van Peer e Mortelmans (2015), com 404 pais divorciados com filhos entre os 10 e os 18 anos sugerem que as características de cada membro do casal, do filho e do divórcio, são bons preditores dos estilos parentais pós-divórcio. Estes autores verificaram que pais divorciados apresentaram estilos parentais diferentes: se a mãe tiver um estilo parental permissivo, o pai tende a ter um estilo parental autoritativo e o mesmo ocorre (Bastaits et al., 2015). Estes resultados podem ser justificados através do mecanismo de compensação, o pai tenta compensar pela falta de controlo ou afeto da mãe e mantém um estilo parental autoritativo (Simons & Conger, 2007). Os resultados sugerem ainda que pais (masculinos) com um maior nível de escolaridade tendiam a apresentar um estilo parental

autoritativo. Num estudo com pais divorciados com crianças entre os 10 e os 18 anos, Campana e colaboradores (2008) verificaram que a divergência entre os estilos parentais contribui para o ajustamento psicológico dos filhos. Os resultados mostraram que a convergência de estilo parental autoritativo dos pais se associava a um melhor ajustamento psicológico quando comparadas com crianças em que apenas a mãe ou o pai tinham um estilo parental autoritativo. No entanto, mesmo quando só um dos pais apresentava um estilo parental autoritativo, as crianças reportavam níveis mais baixos de depressão, menos comportamentos agressivos e níveis mais elevados de autoestima (Campana et al., 2008). Os autores verificaram ainda que, quando um dos pais apresentava um estilo parental permissivo e o outro um estilo parental autoritativo, as crianças apresentavam um bom ajustamento psicológico, verificando-se níveis mais baixos de depressão do que crianças em que ambos os pais apresentaram estilo parental permissivo. Pais com a custódia total tendem a apresentar um estilo parental autoritativo (Campana et al., 2008). Em relação aos pais (masculinos) não residentes, Bastaits, Ponnet e Mortelmans (2014) verificaram que estes tendem a apresentar um estilo parental permissivo e estão menos envolvidos nas atividades dos filhos. Nos casos em que a custódia é partilhada, foram encontrados resultados diferentes entre pais e mães: as mães tendem a apresentar um estilo parental autoritativo, enquanto que os pais tendem a apresentar um estilo parental permissivo (Campana et al., 2008).

No que se refere à investigação empírica focada nos estilos parentais em famílias divorciadas e no impacto no ajustamento dos filhos, os resultados de um estudo realizado por Bastaits e Mortelmans (2014), com crianças entre os 10 e os 18 anos de idade que residem com os pais divorciados, revelaram que níveis mais altos de suporte parental tanto de pais residentes como de não residentes estão associados a maiores níveis de autoestima dos filhos. Pais que não residem com os filhos apresentam menos suporte e controlo do que pais em guarda conjunta ou pais casados (Bastaits, Ponnet, & Mortelmans, 2012). Num estudo comparativo com pais divorciados e pais em relação de conjugalidade intacta, com uma amostra de 618 díades pai-filho, com crianças entre os 10 e os 18 anos, Bastaits e Mortelmans (2016) encontraram um efeito mediador da parentalidade entre a estrutura familiar (divorciada ou intacta) e o bem-estar da criança. Verificaram também que um estilo parental caracterizado pelo suporte parental (seja da mãe ou do pai) se associa a um aumento do bem-estar dos filhos. Os autores mostraram ainda que as crianças apresentavam níveis mais baixos de autoestima, que se associavam

a níveis mais reduzidos de suporte maternal, nos casos em que as crianças residiam com o pai divorciado.

Stallman e Ohan (2016) realizaram um estudo com 109 pais divorciados com filhos entre os 6 e os 17 anos que pretendia perceber como os estilos parentais, o ajustamento parental e o conflito co-parental contribuem para o ajustamento emocional, comportamental e social das crianças. Os resultados mostraram que quando os pais são relutantes a impor limites, ou seja, quando tendem a apresentar o estilo parental permissivo, verifica-se um aumento dos problemas comportamentais e um decréscimo dos comportamentos pró-sociais dos filhos.

Método²

Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo

O presente estudo, de natureza quantitativa e desenho metodológico transversal tem como temática central o impacto da empatia interpessoal de pais divorciados no ajustamento psicológico das crianças. Alicerça-se numa visão ontológica e num paradigma pós-positivista. A realidade é assumida como imperfeita e é apreensível através das falhas do intelecto humano e da complexidade da natureza dos fenómenos (Guba & Lincoln, 1994).

Questões de Investigação e Objetivos

O presente estudo orienta-se pela seguinte questão de investigação: “*Qual o papel da empatia interpessoal dos pais e dos estilos parentais no ajustamento psicológico das crianças em situação de divórcio?*” O estudo tem como objetivo geral (ver Figura 1 relativa ao Mapa Conceptual) compreender a relação entre as variáveis empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos em contexto de divórcio, tendo como objetivos específicos: (1) verificar se existem diferenças entre

² O presente estudo está enquadrado na investigação de doutoramento em curso da Dra. Mariana Barroso Fernandes, sob orientação da Professora Doutora Isabel Narciso e da Professora Doutora Marta Pedro, tendo sido aprovada pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa em 2015.

pais em situação de divórcio e pais em situação de conjugalidade intacta relativamente às variáveis principais em estudo - empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e ajustamento psicológico dos filhos; (2) analisar as associações entre as variáveis empatia interpessoal, estilos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos de casais em contexto de situação de conjugalidade intacta e em contexto de divórcio; (3) analisar o contributo de variáveis sociodemográficas (sexo dos pais; sexo dos filhos; configuração familiar), empatia (tomada de perspetiva e preocupação empática) e estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo) para o ajustamento psicológico dos filhos.

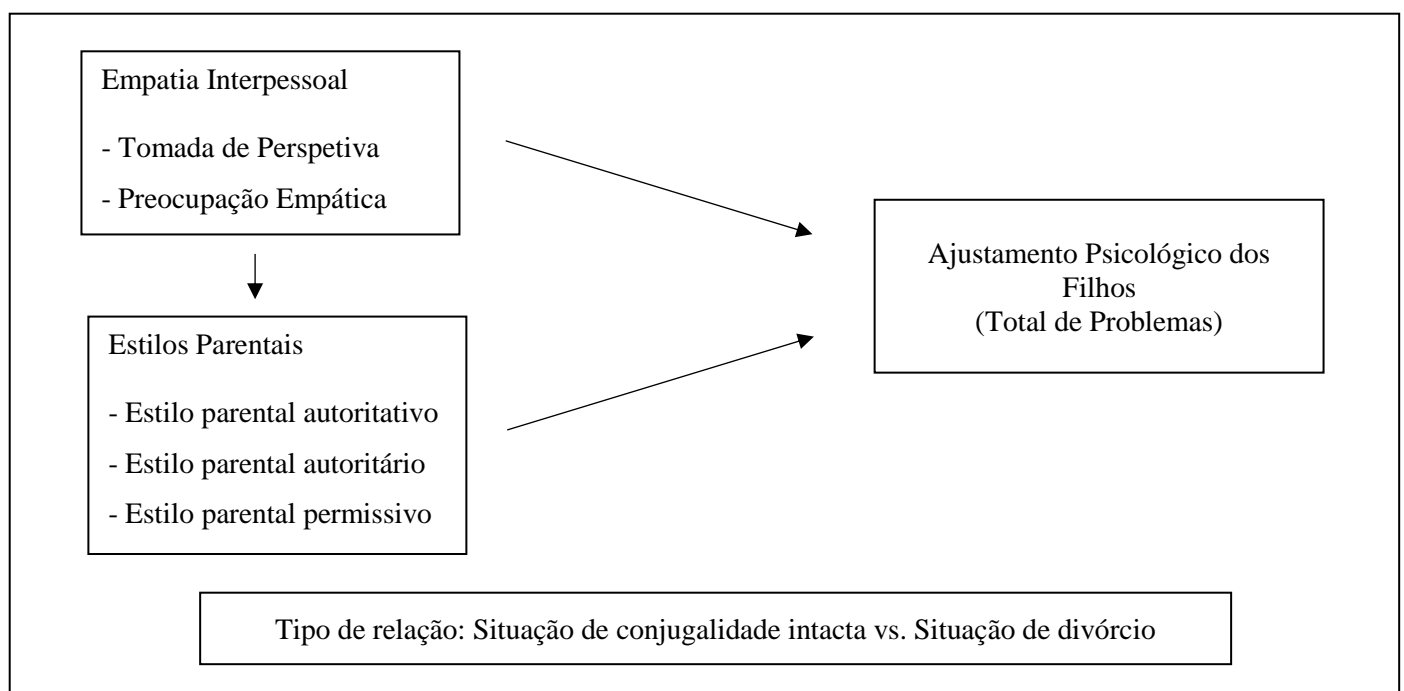


Figura 1. Mapa conceitual das variáveis independentes em estudo e da variável dependente: Empatia interpessoal (tomada de perspetiva, preocupação empática) e estilos parentais (Estilo parental autoritativo, autoritário, permissivo) e a sua influência no ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas).

Hipóteses e Questões Exploratórias

No presente estudo, com base na revisão de literatura efetuada, colocámos um conjunto de hipóteses relativamente às variáveis estilos parentais e ao ajustamento psicológico dos filhos: (1) não existem diferenças entre pais em situação de conjugalidade intacta e pais divorciados relativamente aos estilos parentais; (2) os pais divorciados reportam mais problemas de comportamento dos filhos comparativamente com os pais em situação de conjugalidade intacta; (3) os estilos parentais autoritário e permissivo estão associados a um pior ajustamento psicológico dos filhos; (4) o estilo parental autoritativo está positivamente associado ao ajustamento psicológico dos filhos.

No que se refere à variável empatia interpessoal dos pais, dada a escassez de investigação empírica, optámos por colocar algumas questões de investigação: (1) Será que existem diferenças entre os pais em situação de conjugalidade intacta e os pais em situação de divórcio relativamente à empatia interpessoal? ; (2) Que associações se verificam entre empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos? ; (3) A empatia interpessoal dos pais contribui para o ajustamento psicológico dos filhos?

Participantes

No presente estudo a amostra é constituída por 332 participantes. Destes, 172 (51.8%) encontravam-se em situação de conjugalidade intacta (casados ou em coabitação, sem história prévia de divórcios) e 160 (48.2%) em situação de divórcio (recasados ou com ou sem relação conjugal atual. Foram definidos como critérios de inclusão na amostra: os participantes serem pais em situação de conjugalidade intacta ou em situação de divórcio; terem pelo menos um filho biológico ou adotado, com idade compreendida entre os 5 e os 13 anos.

Relativamente à amostra de pais em situação de conjugalidade intacta (SCI), os participantes tinham idades compreendidas entre os 24 e os 59 anos ($M = 41$; $DP = 1.1$) e eram, na sua maioria, do sexo feminino (72.7%). Residiam maioritariamente na zona da Grande Lisboa (75%), 16.9% residiam na zona Centro e 4.7% na zona Norte. Quanto à escolaridade, 56.4% dos participantes frequentaram o ensino superior, 7.6% tinham frequência universitária, 0.6% frequentaram o ensino técnico profissional, 23.8% tinham entre 10 a 12 anos de escolaridade, 6.4% tinham entre 7 a 9 anos de escolaridade, 1.2%

tinham entre 5 a 5 anos de escolaridade e 0.6% tinham entre 0 a 4 anos de escolaridade. No que diz respeito à religiosidade, 74.4% dos participantes da amostra dos participantes em situação de conjugalidade intacta eram crentes. A maioria (80.2%) nunca teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 15.1% já tiveram apoio no passado e 4.7% referiram ter acompanhamento atualmente. Quando questionados sobre a situação conjugal dos pais, 69.8% dos participantes da amostra em SCI afirmaram que os seus pais nunca se divorciaram ou separaram definitivamente. Relativamente à situação laboral atual dos participantes, 86% relataram trabalhar por conta de outrem, 8.7% eram trabalhadores independentes e 3.5% encontravam-se em situação de desemprego. A principal fonte de rendimento de 86.6% dos participantes em SCI era o vencimento mensal fixo. Quando questionados se tinham dificuldades em pagar as contas mensais, 32% afirmaram que não tinham dificuldades nenhuma em pagar as contas mensais, 32.6% tinham poucas dificuldades, 30.6% tinha algumas dificuldades e 1.2% tinham muitas dificuldades. Os participantes em situação de conjugalidade intacta tinham entre 1 a 4 filhos ($M = 1.76$; $DP = 0.731$), verificando-se que 3.5% tinham 4 filhos, 5.8% tinham 3 filhos, 48.8% tinham 2 filhos e 34.9% tinham 1 filho. Relativamente ao filho sobre o qual incidiram as respostas de cada participante, a média de idades era de 9.28 ($DP = 1.98$), sendo 50.6% do sexo feminino. A maioria (64%) não tinham apoio psicológico ou psiquiátrico, 17.4% tinham apoio escolar e 3.5% tinham terapia da fala.

Quanto à amostra de pais em situação de divórcio (SD), 68.8% eram do sexo feminino e com idades compreendidas entre 24 e os 59 anos ($M = 41$; $DP = 6.3$). A maioria residia na zona da grande Lisboa (83.1%), 5.6% residiam na zona centro, 5% na zona norte e 3.1% na zona sul. Relativamente à escolaridade, 32.5% dos participantes frequentaram o ensino superior, 10% tinham frequência universitária, 31.9% tinham entre 10 a 12 anos de escolaridade, 22.5% tinham entre 7 e 9 anos de escolaridade e 2.5% tinham entre 5 a 5 anos de escolaridade. No que diz respeito à religiosidade, 68.1% dos participantes desta amostra eram crentes. Dos participantes em situação de divórcio, 65.6% afirmaram nunca terem tido acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 28.1% já tiveram acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e 5.6% tinham acompanhamento na altura do preenchimento do protocolo. Relativamente à família de origem, 70.6% afirmaram que os seus pais nunca se divorciaram ou separaram definitivamente. Em relação à situação atual laboral, os participantes eram maioritariamente trabalhadores por conta de outrem (81.9%), sendo que 9.4% eram trabalhadores independentes e 7.5% encontravam-se em situação de desemprego. A principal fonte de rendimento de 84.4% dos

participantes em situação de divórcio é o vencimento mensal fixo, sendo que 21.3% tinham muitas dificuldades em pagar as contas mensais, a maioria (54.4%) tinham poucas (23.8%) ou algumas (30.6%) dificuldades em pagar as contas mensais e 20% não tinham dificuldades nenhuma em pagar as contas mensais. O número de filhos dos participantes em situação de divórcio variava entre 1 e 5 ($M = 1.88$; $DP = 0.78$), sendo que 0.6% tinham 5 filhos, 3.8% tinham 4 filhos, 18.8 % tinham 3 filhos, 48.1% tinham 2 filhos e 27.5% tinham 1 filho. Em relação aos filhos sobre os quais os pais responderam aos questionários, a média de idades situava-se nos 9.38 anos ($DP = 2.2$), sendo 52.5% do sexo feminino. Relativamente ao apoio psicológico ou psiquiátrico, 63.7% não tinham qualquer tipo de apoio, 13.1% tinham apoio escolar, 4.4% tinham apoio psicológico e 2.5% tinham apoio pedopsiquiátrico.

Procedimento de Recolha de Dados

Os dados relativos ao presente estudo foram recolhidos entre Janeiro de 2016 e Abril de 2017, através de um processo de amostragem por conveniência. Os dados foram recolhidos presencialmente, seguindo o método “bola de neve” e *online*, através de um *link*, com recurso às redes sociais informais da equipa de investigação. Para a recolha *online* foi usado o *software Qualtrics*.

O protocolo de investigação incluía, para além dos questionários e escalas e de instruções de resposta, informação inicial sobre os objetivos e condições do estudo (e.g., critérios de inclusão na amostra, solicitação de resposta relativamente ao filho mais velho - entre os 5 e os 13 anos), garantia de confidencialidade e anonimato, *mail* de contacto para acesso aos resultados gerais da investigação ou esclarecimentos adicionais, e informação sobre o Serviço à Comunidade da FPUL. Foi ainda solicitado o preenchimento do consentimento informado também disponibilizado no protocolo.

Variáveis e Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Questionário que incluía várias questões relativas a dados sociodemográficos (e.g., sexo e idade dos participantes, local de residência, escolaridade, situação profissional, situação conjugal relacional atual, agregado familiar, acompanhamento psicológico, religiosidade, situação financeira, sexo e idade dos filhos).

Empatia interpessoal. Para avaliar a variável Empatia, foi usado o *Índice de Reatividade Interpessoal - IRI* (Davis, 1983; Versão Portuguesa: Limpo, Alves & Castro, 2010) que permite avaliar as dimensões afetiva e cognitiva da empatia. Este instrumento é constituído por 24 itens, os quais são respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, entre 1 “Não me descreve bem” e 5 “Descreve-me muito bem”. Os itens estão organizados em quatro subescalas: Tomada de Perspetiva, que mede a capacidade de adotar os pontos de vista do outro (e.g., *Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão*), Preocupação Empática, que reflete a tendência para experienciar sentimentos de preocupação e de compaixão pelo outro (e.g., *Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu*), Desconforto Pessoal, que avalia sentimentos de desconforto em contextos interpessoais de tensão (e.g., *Tendo a perder o controlo em situações de emergência*) e Fantasia que avalia a capacidade da pessoa de se colocar em situações fictícias (e.g., *Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens*). No presente estudo, optou-se pela utilização das subescalas Tomada de Perspetiva e Preocupação Empática, dado que se pretendia avaliar as dimensões cognitiva e afetiva da empatia.

Relativamente à consistência interna, no estudo de adaptação para a população portuguesa (Limpo, Alves & Castro, 2010), verificou-se que a escala apresenta valores de alfa de Chronbach de 0.74 para a dimensão Tomada de Perspetiva e de 0.77 para a dimensão Preocupação Empática. No presente estudo, com objetivo de aumentar a consistência interna, optou-se por retirar os itens 2 e 3, que estão incluídos nas subescalas Tomada de Perspetiva e Preocupação Empática, respetivamente. Deste modo, verificou-se um alfa de 0.80 para a subescala Tomada de Perspetiva e um alfa de Chronbach de 0.74 para a subescala Preocupação Empática.

Estilos parentais. A variável Estilos Parentais foi avaliada através do *Questionário dos Estilos e Dimensões Parentais - QDEP* (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001), adaptado para a população portuguesa por Carapito, Pedro, & Ribeiro, (2008). Constituído por 32 itens, este questionário é respondido através de uma escala de Likert de 5 pontos, variando entre 1 “Nunca” e 5 “Sempre”. No presente estudo, utilizou-se o Modelo 2 e o Modelo 3 do estudo de Carapito, Pedro e Ribeiro (2008). O modelo 2, modelo tri-factorial de 1ª ordem apresenta três estilos parentais: autoritativo (e.g., *Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas*), autoritário (e.g., *Castigo o meu filho*

retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação), e permissivo (e.g., *Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumprio*). O Modelo 3 corresponde a um modelo de dois fatores: parentalidade positiva (constituído pelos itens relativos ao estilo parental autoritativo) e parentalidade negativa (incluindo os itens dos estilos parentais autoritário e permissivo). Relativamente à consistência interna, foram encontrados índices para cada estilo parental semelhantes aos do estudo da adaptação desta escala para a população portuguesa. Assim, verificou-se: $\alpha = 0.74$ para o estilo parental autoritário, $\alpha = 0.61$ para o estilo parental permissivo e $\alpha = 0.77$ para a parentalidade negativa. Para o estilo autoritativo (e parentalidade positiva), verificou-se um alfa de Chronbach de 0.88.

Ajustamento psicológico dos filhos. Recorreu-se à versão para pais do *Questionário de Forças e Dificuldades* (Goodman, 2001, versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005) para avaliar o ajustamento psicológico dos filhos, através da perceção dos pais. O questionário avalia dificuldades emocionais (e.g., *Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos*) e comportamentais (e.g., *É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca pára quieto(a)*), bem como o comportamento pró-social da criança (e.g., *Partilha facilmente com as outras crianças (doces, brinquedos, lápis, etc.)*). Este questionário é composto por 25 itens cujas respostas são dadas numa escala de Likert de 3 pontos, sendo que 1 “Não é Verdade”, 2 “É um pouco Verdade” e 3 “É muito verdade”. No presente estudo, utilizou-se a escala total (total de problemas) que inclui todos os itens exceto os itens relativos aos comportamentos pró-sociais. No que concerne ao índice de consistência interna, esta escala apresentou um alfa de Chronbach de 0.82.

Análise de Dados

Os dados recolhidos foram analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Foi realizada uma análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão) e o teste de diferença de médias *T-Student* considerando a situação familiar intacta ou de divórcio (SCI e SD). Nesta análise, foram incluídas as variáveis relativas aos estilos parentais (autoritativo, autoritário e permissivo), à parentalidade positiva e negativa, à empatia (preocupação empática, tomada de perspectiva) e ao ajustamento psicológico dos filhos (total de

problemas). Numa segunda fase, foi efetuada, para cada grupo (SCI e SD), a análise do padrão de correlações entre as variáveis em estudo.

Finalmente, realizou-se uma regressão múltipla hierárquica para testar o poder preditivo de variáveis independentes (sexo dos pais, sexo dos filhos, tomada de perspetiva, preocupação empática, empatia total, estilo parental autoritativo, permissivo e autoritário, situação familiar (conjugal intacta/divórcio) na variável dependente (ajustamento psicológico dos filhos – total de problemas).

Resultados

Análises Descritivas e de Comparação de grupos

No Quadro 1, estão apresentados os resultados do teste de diferenças de médias de t-student para amostras independentes, em função da situação de divórcio (SD) vs. situação de conjugalidade intacta (SCI) dos participantes. Analisando os resultados, podemos verificar que nas variáveis Estilo parental autoritário, Estilo parental permissivo, parentalidade positiva, parentalidade negativa, tomada de perspetiva e total de problemas não existem diferenças significativas entre as médias dos participantes em SD e os participantes que se encontram em SCI. Verificou-se que existem diferenças marginalmente significativas entre SD e SCI relativamente às variáveis estilo parental autoritativo e preocupação empática, sendo as médias mais elevadas no grupo em SCI, comparando com o grupo em SD, para ambas as variáveis.

Quadro 1

Estatísticas Descritivas das Variáveis em Estudo e Diferenças de Médias em Função da Situação Conjugal do Participante

		SD (n=160)		SCI (n=172)		<i>Diferenças entre Grupos</i>	
	Amplitude	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estilos parentais							
Autoritativo	2.47-5.00	4.14	.60	4.26	.46	1.87	.06
Autoritário	1-3.50	1.87	.42	1.96	.45	1.65	.10
Permissivo	1-4.00	2.12	.66	2.13	.60	.21	.84
Tipos de parentalidade							
Parentalidade positiva	2.47-5.00	4.14	.60	4.26	.46	1.87	.63
Parentalidade negativa	1.12-3.35	1.94	.41	2.00	.42	1.24	.22
Empatia							
Preocupação empática	1.80-5.00	3.99	.68	4.13	.62	1.82	.07
Tomada de perspectiva	1.00-5.00	3.84	.75	3.84	.61	-.03	.98
Ajustamento psicológico							
Total de problemas	1.00-2.70	1.50	.30	1.48	.25	-.77	.45

Análise de Correlações

Podem-se verificar os valores das correlações entre as variáveis em estudo em participantes em situação de conjugalidade intacta (SCI), no Quadro 2, e os valores das correlações entre as variáveis em estudo em participantes em situação de divórcio (SD), na Quadro 3.

Analizando os resultados obtidos no grupo dos participantes em situação de conjugalidade intacta, podemos verificar que a empatia cognitiva (tomada de perspectiva) correlaciona-se de forma positiva e moderada com a preocupação empática, com o estilo parental autoritativo e com a parentalidade positiva. A preocupação empática correlaciona-se com o estilo parental autoritativo e com a parentalidade positiva, de forma positiva e moderada. Correlaciona-se também com o estilo parental permissivo de forma positiva e fraca. O total de problemas correlaciona-se de forma positiva e forte, com o estilo parental autoritário, de forma positiva e moderada com a parentalidade negativa e correlaciona-se de forma positiva e fraca com o estilo parental permissivo. Para além das correlações apresentadas anteriormente, o estilo parental autoritativo, assim como a parentalidade positiva, correlacionam-se com o estilo parental autoritário e com a parentalidade negativa de forma negativa e fraca. O estilo parental autoritário correlaciona-se positivamente com o estilo parental permissivo (associação moderada) e com a parentalidade negativa (associação forte). Por fim, para além das correlações apresentadas anteriormente, a parentalidade negativa correlaciona-se de forma positiva e forte com o estilo parental autoritário.

No grupo de participantes em situação de divórcio, verificou-se que a tomada de perspectiva se correlaciona de forma positiva e forte com a preocupação empática. Foram encontradas associações entre as dimensões da empatia e o total de problemas: a tomada de perspectiva e a preocupação empática correlacionam-se de forma positiva e fraca com o total de problemas. Para além destas associações, o total de problemas correlaciona-se de forma positiva e fraca com o estilo parental autoritário e com a parentalidade negativa. Relativamente às variáveis da parentalidade e da empatia foram encontradas várias associações: a tomada de perspectiva correlaciona-se de forma positiva e forte com o estilo parental autoritativo e com a parentalidade positiva. Correlaciona-se também com o estilo parental permissivo e com a parentalidade negativa (associação negativa e fraca). Quanto à preocupação empática, esta correlaciona-se de forma positiva e moderada com o estilo parental autoritativo e com a parentalidade positiva. No que diz respeito às variáveis da

parentalidade verificam-se as seguintes associações: a parentalidade positiva e o estilo parental autoritativo correlacionam-se de forma negativa e fraca com o estilo parental autoritário e de forma negativa e moderada com o estilo parental permissivo e com a parentalidade negativa. Para além das correlações apresentadas anteriormente, o estilo parental permissivo correlaciona-se com o estilo parental autoritário (associação positiva e moderada) e com a parentalidade negativa (associação positiva e forte). Por fim, a parentalidade negativa correlaciona-se também com o estilo parental autoritário de forma positiva e forte.

Quadro 2

Correlações entre as Variáveis em Estudo em Participantes em Situação de Conjugalidade Intacta

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Tomada de perspectiva	---							
2. Preocupação empática	.45**	---						
3. Total de problemas	-.16	.11	---					
4. Autoritativo	.44**	.38**	-.13	---				
5. Autoritário	-.13	.03	.52**	-.29**	---			
6. Permissivo	.06	.19*	.22**	-.01	.41**	---		
7. Parentalidade positiva	.44**	.38**	-.13	1.00**	-.29**	-.01	---	
8. Parentalidade negativa	-.05	.09	.47**	-.22*	.92**	.73**	-.22*	---

Nota. ** A correlação é significativa no nível 0.01 ($p < 0.01$). * A correlação é significativa no nível 0.05 ($p < 0.05$). A parentalidade positiva corresponde ao estilo parental autoritativo.

Quadro 3

Correlações entre as Variáveis em Estudo em Participantes em Situação de Divórcio.

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Tomada de perspectiva	---							
2. Preocupação empática	.59**	---						
3. Total de problemas	.28**	.21*	---					
4. Autoritativo	.53**	.47**	.05	---				
5. Autoritário	-.17	-.11	.25**	-.27**	---			
6. Permissivo	-.29**	-.16	.07	-.37**	.33**	---		
7. Parentalidade positiva	.53**	.47**	.05	1.00**	-.27**	-.37**	---	
8. Parentalidade negativa	-.26**	-.15	.22**	-.37**	.89**	.72**	-.37**	---

Nota. ** A correlação é significativa no nível 0.01 ($p < 0.01$). * A correlação é significativa no nível 0.05 ($p < 0.05$). A parentalidade positiva corresponde ao estilo parental autoritativo.

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica

Para avaliar o contributo das variáveis independentes (sexo do participante, sexo filho alvo, preocupação empática, tomada de perspetiva, estilos parentais autoritativo, autoritário e permissivo e SCI vs. SD) no ajustamento psicológico das crianças (total de problemas), realizou-se uma regressão múltipla hierárquica. No modelo 1, foi controlado o sexo dos participantes e o sexo do filho-alvo, no modelo 2, foram adicionadas as variáveis que avaliam a empatia (tomada de perspetiva e preocupação empática) e os estilos parentais (permissivo, autoritativo e autoritário). No modelo 3 foi adicionada a variável situação conjugal (situação de conjugalidade intacta ou situação de divórcio).

Na Quadro 4, podemos verificar que quando controladas as variáveis independentes, sexo dos participantes e sexo do filho, temos um modelo que explica 3,3% ($R^2 = 0.03$) da variância da variável dependente (total de problemas). O segundo modelo explica 16,1% ($R^2 = 0.16$) da variância do total de problemas. Ao adicionarmos a variável situação conjugal intacta vs. Situação de divórcio, a percentagem da variância explicativa do modelo subiu para 18% ($R^2 = 0.02$). Assim, o modelo 3, é o mais explicativo, sendo que as variáveis estilo parental autoritário ($\beta = 0.35$) e situação de conjugalidade intacta vs. situação de divórcio ($\beta = 0.14$) contribuem significativamente para explicar o modelo.

Quadro 4

Análise de Regressão Múltipla para a Variável Dependente Total de Problemas

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	DP	β	T	p
Modelo 1					
Sexo do participante	-.05	.04	-.09	-1.45	.15
Sexo do filho alvo	-.09	.04	-.17	-2.60	.01
Modelo 2					
Sexo do participante	-.03	.04	-.05	-.81	.42
Sexo do filho alvo	-.05	.03	-.09	-1.47	.14
Preocupação empática	.04	.03	.10	1.40	.16
Tomada de perspectiva	.05	.03	.13	1.75	.08
Autoritativo	-.03	.04	-.05	-.66	.51
Autoritário	.21	.04	.33	4.96	.00
Permissivo	-.00	.03	-.01	-.07	.94
Modelo 3					
Sexo do participante	-.03	.04	-.05	-.85	.40
Sexo filho alvo	-.04	.03	-.07	-1.21	.23
Preocupação empática	.05	.03	.12	1.62	.11
Tomada de perspectiva	.05	.03	.11	1.49	.14
Autoritativo	-.01	.04	-.03	-.35	.73
Autoritário	.22	.04	.35	5.28	.00
Permissivo	-.00	.03	-.00	-.02	.99
SCI vs. SD	.08	.03	.14	2.34	.02

Nota: SCI= Situação de Conjugalidade Intacta; SD=Situação de Divórcio DP=Desvio Padrão

Discussão

O principal objetivo do presente estudo foi investigar a parentalidade em contexto de divórcio, mais especificamente, a relação entre a empatia interpessoal dos pais, os estilos parentais e o ajustamento psicológico dos filhos, de modo a compreender melhor qual o papel e funcionamento destas variáveis, neste contexto particular. Dado o grau de complexidade do divórcio torna-se fundamental perceber qual o impacto e fatores protetores que surgem aquando desta crise familiar.

Os resultados confirmaram a primeira hipótese que sugeria que não existem diferenças entre pais em situação de conjugalidade intacta e pais divorciados relativamente aos estilos parentais embora, no que concerne ao estilo parental autoritativo, se tenha verificado uma diferença marginalmente significativa. Assim, os resultados sugerem que pais em situação de conjugalidade intacta (SCI) tendem a exibir mais o estilo parental autoritativo que os pais em situação de divórcio (SD). Relativamente aos restantes estilos parentais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. O divórcio tem consequências ao nível da ansiedade, depressão, insegurança para ambos os membros do casal (Amato, 2014), sendo que pais em SD tendem a ser menos afetuosos e apresentam uma parentalidade menos consistente e responsiva (Hetherington, Cox, & Cox, 1982) e tendem a estar menos sensíveis às necessidades emocionais da criança (Weaver & Schofield, 2015). Estas mudanças podem influenciar a parentalidade levando a uma deterioração da relação entre pais e filhos. Embora haja uma noção de que o divórcio poderá ter impacto na parentalidade, algumas investigações vão na mesma linha que o presente estudo, verificando que existem mais semelhanças do que diferenças na parentalidade pós-divórcio (e.g. Strohschein, 2007). Freeman e Newlan (2002) não detetaram diferenças entre os níveis de controlo e de responsividade de pais casados e divorciados. Hanson, McLanahan e Thomson (1998) também não encontraram diferenças entre pais casados e pais divorciados, mas ao nível da supervisão maternal. Esta discrepância nos dados poderá refletir uma grande variação de métodos e instrumentos para medirem os mesmos construtos. Alguns estudos optaram por avaliar a parentalidade através da perceção dos filhos, outros optaram por avaliar a parentalidade através da perceção dos pais. À semelhança do presente estudo, Jurma (2015), recorreu a um instrumento de autorrelato preenchido pelas mães para avaliar a parentalidade e os resultados mostraram não haver diferenças entre os estilos parentais de famílias divorciadas e famílias intactas.

Relativamente à segunda hipótese, os resultados mostraram não haver diferenças estatisticamente significativas entre o ajustamento psicológico dos filhos de pais em SCI e em SD. Assim, a hipótese foi refutada, dado que esperávamos que crianças de pais em SCI apresentassem um melhor ajustamento psicológico do que crianças de pais em SD. Como a literatura tem vindo a sugerir, filhos de pais divorciados estão em maior risco de desenvolver problemas emocionais (Jurma, 2015), depressão (Uphold-Carrier & Utz, 2012) e problemas de internalização e externalização (Amato & Keith, 1991; Kaczynski, Lindahl, Malik, & Laurenceau, 2006). Estes efeitos poderão estar relacionados com o facto de os pais, após o divórcio, terem de lidar com as suas próprias emoções negativas e a gerir o seu próprio stress, estando menos sensíveis às necessidades dos filhos (Weaver & Schofield, 2015), sendo que, nesta fase, verifica-se também um aumento do conflito entre pais e filhos e a diminuição da coesão familiar (Short, 2002). Porém, num estudo de Ruschena, Prior, Sanson e Smart, (2005) não foram encontradas diferenças nos comportamentos de externalização, internalização de crianças que experienciaram o divórcio parental e de crianças de famílias intactas. As evidências deste estudo vão ao encontro dos resultados encontrados. Esta evidência pode estar relacionada com os indicadores de ajustamento psicológico usados nos diferentes estudos. Estudos que usam diferentes medidas e fontes de recolha (e.g., pais vs. filhos) para avaliarem o ajustamento psicológico poderão dar origem a resultados diversos (Lansford, 2009).

Para além dos instrumentos de medida, existem outros fatores que poderão ter influência no ajustamento psicológico da criança ao divórcio. O tempo que passou após o divórcio pode ser um fator crucial no ajustamento dos filhos. O impacto do divórcio nas crianças é mais evidente a curto prazo, sendo que estas dificuldades poderão dissipar-se e diminuir de intensidade após um período inicial de adaptação (Chase-Lansdale & Hetherington, 1990). Assim, quando avaliado num período imediato após o divórcio parental, o ajustamento psicológico da criança poderá ser diferente do observado anos após a separação matrimonial. No que diz respeito aos pais, após o divórcio, o seu bem-estar emocional também sofre um declínio (Waite, Luo, & Lewin, 2009), o que poderá ter consequências ao nível da parentalidade. Para além do tempo após o divórcio, o tipo de custódia e o conflito parental poderão também ter um papel decisivo na adaptação da criança. Bauseran (2002) conclui que o tipo de custódia tem um papel fundamental no ajustamento da criança, verificando que crianças com pais com custódia partilhada apresentavam menos problemas de externalização e internalização. Os resultados podem também estar relacionados com o conflito parental. Hetherington e colaboradores (1998)

afirmaram que a exposição dos filhos a altos níveis de conflito parental poderá trazer mais consequências negativas para as crianças que o divórcio parental. Com o divórcio, verifica-se uma redução na exposição das crianças ao conflito parental, associando-se, assim o divórcio a um melhor ajustamento psicológico dos filhos (Lansford, 2009). Assim, os resultados deste estudo podem ter sido influenciados por variáveis não controladas como o tempo decorrente após o divórcio e o tipo de custódia.

A nível da parentalidade e do ajustamento psicológico dos filhos, os resultados apoiaram a terceira hipótese que sugeria uma associação positiva entre os estilos parentais autoritário e permissivo e o total de problemas. Este resultado vai ao encontro da literatura que tende a ser consensual relativamente ao impacto de uma parentalidade negativa no ajustamento psicológico dos filhos. O estilo parental autoritário, caracterizado por níveis elevados de controlo, níveis baixos de suporte e afeto e o uso de regras rígidas tem sido associado a um pior ajustamento psicológico dos filhos (Chao, 2001; Park, & Bauer, 2002), nomeadamente a uma baixa autoestima e a um aumento de problemas de comportamento nas crianças, tanto na escola como em casa (Coie & Dodge, 1998; Shumow, Vandell, & Posner, 1998). Crianças cujos pais tendem a exercer uma parentalidade onde predominam os estilos parentais autoritário e/ou permissivo, exibem mais problemas comportamentais e um aumento da agressividade (Casas et al, 2006; Pinquart, 2017). Pais permissivos não estabelecem regras e limites, permitem que sejam as crianças a regularem as suas próprias ações e reagem de uma forma não punitiva e aceitante aos impulsos dos filhos (Baumrind, 1971). Assim, filhos de pais permissivos tendem a apresentar níveis elevados de problemas de internalização (Williams et al., 2009). Ao não estabelecerem regras e limites, tendem a reforçar negativamente os comportamentos disruptivos das crianças, promovendo a manutenção e o desenvolvimento de problemas de comportamento (Nelson & Crick, 2002).

No que se refere ao estilo parental autoritativo e ao ajustamento psicológico dos filhos, os resultados indicaram não haver uma associação entre o estilo parental autoritativo e o total de problemas, o que parece contradizer os resultados de muitos estudos na literatura. De modo global, estudos anteriores indicam que uma parentalidade autoritativa, caracterizada pelo afeto, controlo e responsividade tem sido associada a níveis elevados de ajustamento emocional (Kawabata et al., 2011; Milevsky et al., 2007). Filhos de pais autoritativos desenvolvem mais competências sociais (Hart et al., 2003), e maior autoestima e autoconfiança (Lamborn et al., 1991). Desta forma, o resultado encontrado neste estudo pode estar relacionado com o facto de só terem sido recolhidos

dados relativos ao estilo parental de um dos pais. Alguns autores apontam para a importância da convergência dos estilos parentais no ajustamento psicológico das crianças. Campana e colaboradores (2008) verificaram que filhos cujos pais exerciam um estilo parental autoritativo, apresentavam níveis mais baixos de depressão, menos comportamentos agressivos e níveis mais elevados de autoestima. No presente estudo, não foram recolhidos os dados relativos aos estilos parentais de ambos os pais, o que poderá explicar os resultados encontrados. Para se verificar uma associação entre a parentalidade e o ajustamento psicológico da criança poderá ser necessário que ambos os pais tendam a apresentar um estilo parental autoritativo.

Tanto quanto é do nosso conhecimento, a investigação sobre a empatia em contexto de divórcio é ainda escassa. Por este motivo, foram colocadas algumas questões de investigação. A primeira questão era relativa às diferenças da empatia interpessoal em pais em SCI e pais em SD. A análise comparativa em função da situação conjugal permitiu verificar uma diferença marginalmente significativa numa das dimensões da empatia, a preocupação empática, verificando-se valores mais elevados em participantes em SCI. Após o divórcio, os pais tendem a estar mais concentrados a gerir as suas próprias emoções negativas e o stress, mostrando-se menos emocionalmente disponíveis às necessidades dos filhos (Stallman & Ohan, 2016). Considerando que a preocupação empática mede a capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro, é possível que, após o divórcio, os pais estejam mais autocentrados e tenham mais dificuldades em reagir de forma empática.

Relativamente à empatia interpessoal e aos estilos parentais colocou-se a seguinte questão: que associações se verificam entre a empatia interpessoal dos pais e os estilos parentais? Os resultados mostraram várias associações estatisticamente significativas: tanto em SCI como em SD, verificou-se que a tomada de perspetiva e a preocupação empática se associam positivamente ao estilo parental autoritativo. Pais autoritativos estabelecem regras de conduta adequadas, explicando aos filhos as razões por detrás dos limites, são flexíveis e responsivos às necessidades e desejos das crianças (Baumrind, 1991). A capacidade de empatia dos pais, manifestada em particular na relação com os filhos, potencia relações baseadas no afeto e responsividade (Field, 1994). Assim, os resultados mostraram que pais com uma parentalidade positiva, caracterizada por um estilo autoritativo, tendem a ter uma maior capacidade para adotar os pontos de vista do outro, quer emocionalmente como cognitivamente, atendendo mais às necessidades dos filhos. Verificou-se também uma associação positiva entre o estilo parental permissivo e

a preocupação empática em SCI e uma associação negativa entre o estilo parental permissivo e a tomada de perspectiva, em SD. Também de acordo com a literatura empírica, o estilo parental permissivo tem sido associado a níveis mais elevados de empatia (Baumrind, 1991), o que se verificou nos participantes em SCI, embora apenas relativamente à dimensão afetiva da empatia (preocupação empática). Sendo o estilo parental permissivo caracterizado por níveis elevados de afeto e níveis baixos de controlo, pais com este tipo de estilo parental tendem a não impor regras familiares, cedendo às vontades dos filhos e aceitando os seus impulsos. Evitam práticas que requerem a imposição de limites e de autoridade, colocando poucas ou nenhuma responsabilidades nos filhos (Baumrind, 1991; Simons & Conger, 2007). Porém, em SD, os resultados sugerem que pais que tendem a exercer um estilo parental permissivo, tendem a adotar menos os pontos de vista do outro a um nível cognitivo. O divórcio pode trazer consequências não só para os filhos, mas também para os adultos, verificando-se um declínio no apoio emocional e uma diminuição das condições económicas em pessoas divorciadas (Amato, 2014). Desta forma, é possível que ao estarem menos disponíveis, os pais com um estilo parental permissivo em SD tendem a ter uma postura aceitante, mas menos reflexiva, sem tentarem perceber o ponto de vista do filho.

Em relação à última questão exploratória, que pretendia explorar as relações entre a empatia interpessoal dos pais e o ajustamento psicológico dos filhos, verificou-se que em SCI nenhuma das variáveis da empatia se associava ao total de problemas, enquanto que em SD ambas as variáveis da empatia (tomada de perspectiva e preocupação empática) se associavam ao total de problemas de forma positiva. É preciso ter em atenção alguns aspetos aquando da leitura destes resultados, nomeadamente ter sido avaliada a perceção dos pais do ajustamento psicológico das crianças, visto ser um instrumento de autorrelato. Após o divórcio, os pais estão concentrados a lidar com a separação, o que leva a uma indisponibilidade de respostas às necessidades dos filhos e a um declínio na disponibilidade emocional (Stallman & Ohan, 2016). Ao não se sentirem emocionalmente disponíveis para apoiar os filhos nesta transição poderão surgir sentimentos de culpa ou remorsos. Assim, pais mais empáticos tendem a estar mais alerta para possíveis problemas comportamentais, o que justificaria os resultados encontrados que mostram uma associação positiva entre as duas dimensões da empatia e o total de problemas.

Os resultados mostraram que existem mais associações entre as dimensões da empatia (tomada de perspectiva e preocupação empática) e as restantes variáveis quando os pais se encontram em SD ao invés de em SCI. Estes dados aparentam sugerir a

importância da empatia interpessoal dos pais em contexto de divórcio, o que poderá ter implicações para a investigação, exploração futura do papel principal da empatia, e para a clínica, trabalhando especificamente a empatia com pais divorciados.

Limitações e Contributos do Estudo

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. O seu desenho transversal não permite estabelecer relações de causalidade entre as variáveis. Neste sentido, um futuro estudo de carácter longitudinal permitiria aprofundar as associações encontradas. Foi utilizada uma amostragem por conveniência, o que originou uma amostra pouco ajustada à população em estudo, com destaque para a elevada percentagem (71%) de participantes do sexo feminino e residentes na zona da Grande Lisboa (79%). A utilização de dois processos de recolha de amostra distintos, presencial e *online*, poderá ter contribuído para o enviesamento da amostra. Transversalmente à aplicação dos protocolos *online* e presencialmente, o investigador não esteve presente no momento do preenchimento. Assim, não foi possível responder a eventuais dúvidas dos participantes e garantir o preenchimento completo do protocolo.

O facto de o presente estudo se ter baseado na aplicação de instrumentos de autorrelato, exclusivamente preenchidos pelos pais, introduz alguma subjetividade nos dados obtidos (Pasley & Braver, 2004). O cruzamento dos dados recolhidos com os dados referentes à perceção dos filhos permitiria diminuir o risco de desejabilidade social.

Outra limitação metodológica foi o não-controlo de variáveis potencialmente relevantes tais como o tipo de custódia e período de tempo decorrido desde o divórcio.

Contudo, apesar das suas limitações, este estudo contribui para o aprofundamento do conhecimento sobre a empatia e parentalidade no divórcio, potenciando assim, uma reflexão sobre investigações futuras e implicações para a intervenção clínica.

Em futuras investigações, seria interessante realizar estudos longitudinais que permitissem uma melhor compreensão sobre a relação entre a empatia interpessoal dos pais e o ajustamento psicológico das crianças em contexto de divórcio. Seria também relevante investigar se estas variáveis se comportam de maneira diferente tendo em conta os diferentes tipos de custódia e o tempo decorrente desde o divórcio, permitindo assim um conhecimento mais aprofundado em contexto de divórcio. Nestas investigações, seria importante o uso de vários instrumentos que permitissem avaliar a perceção tanto dos pais

como das crianças e o uso de uma amostra de maior dimensão. Os estudos qualitativos poderiam também contribuir para uma melhor compreensão e exploração destes fenômenos e a sua importância, num contexto de divórcio.

Relativamente à relevância para a intervenção clínica, os resultados deste estudo sublinham a importância da empatia para a parentalidade positiva, em geral, e, também, para a parentalidade negativa em contexto de divórcio, o que, por sua vez, contribui para o ajustamento psicológico dos filhos. Assim, poderiam ser divulgados a nível nacional, programas promocionais e preventivos, nomeadamente de *coaching* emocional parental (Gottman, 1997), que promovam o desenvolvimento de competências de autorregulação emocional. Vários estudos, em diferentes populações (pré-escolares, crianças de idade escolar e adolescentes) mostraram associações entre o *coaching* emocional parental e os comportamentos sociais das crianças, assim como com problemas de internalização e de externalização (Katz & Hunter, 2007; Stocker, Richmond, Rhoades, & Kiang, 2007). O *coaching* emocional implica que os pais tenham uma consciência elevada das suas emoções e das emoções dos filhos, que sejam aceitantes, afetuosos e que estejam focados nas emoções dos filhos. É importante que os pais validem as emoções negativas dos filhos, o que requer capacidade empática.

No que se refere à intervenção terapêutica, embora já existam inúmeras intervenções preventivas e terapêuticas que trabalham indiretamente a empatia, seria importante ter intervenções orientadas especificamente para o contexto de divórcio, com um maior foco no desenvolvimento de competências empáticas, visto a empatia aparentar ser uma competência particularmente importante no divórcio. A utilização da *Play Therapy*, por exemplo, permitiria a criação de um ambiente terapêutico que encorajasse a comunicação, o desenvolvimento de relação e a resolução de problemas da criança (VanFleet, Sywulak, & Sniscak, 2010). Mais especificamente, a Terapia Filial é um tipo de *Play Therapy* que é centrada na criança, com um foco na relação entre progenitor e criança e baseada em quatro competências: estrutura, escuta empática, brincadeira imaginária centrada na criança e definições de limites (VanFleet et al, 2010). Com a orientação do terapeuta, os pais aprendem a realizar atividades com as crianças, utilizando estratégias específicas para desenvolver a vinculação segura e o uso de várias competências emocionais, como a empatia. O divórcio pode causar um grande impacto no desenvolvimento das crianças e na relação pai-filho (Stallman & Ohan, 2016). Assim, a *Play Therapy* pode ser aplicada em contexto de divórcio, desenvolvendo competências emocionais, como a empatia, tanto na criança como nos pais (e.g. Chafe, 2016). A Terapia

Focada nas Emoções é outro exemplo de uma terapia usada em contexto de divórcio que tem como base a regulação emocional (Allan, 2016). Para casais divorciados ou separados, a mudança ocorre através da reflexão, regulação e transformação da emoção para um contexto empático. Os objetivos da Terapia Focada nas Emoções consistem em expandir e reorganizar as respostas emocionais, assim como suscitar mudanças nos ciclos de interação e a criação de um laço seguro entre os ex-cônjuges (Johnson, Hunsley, Greenberg, & Schindler, 1999). Para isso, recorre-se ao uso da empatia como uma estratégia para encorajar a processar a sua experiência (Allan, 2016). Também a terapia narrativa através do questionamento reflexivo e circular que permite a exploração e ampliação das percepções de cada um dos membros da família sobre a situação familiar, promove a empatia entre os diferentes membros (Payne, 2000). Relações baseadas na culpa, recriminação e ressentimentos podem, assim, ser gradualmente revertidas para relações de compreensão e empatia.

Conclusão

Em Portugal, o número de divórcios tem aumentado exponencialmente nas últimas décadas. Esta crise traz inúmeras consequências ao sistema familiar, podendo afetar, particularmente, o ajustamento psicológico e bem-estar dos filhos, sendo, por isso, essencial o estudo das significações, causas, processos e impacto associados a este fenómeno. Assim, o presente estudo pretendeu contribuir para a compreensão do impacto do divórcio nas famílias, mais especificamente ao nível da parentalidade e do ajustamento psicológico das crianças, assim como o papel que a empatia e os estilos parentais desempenham no ajustamento psicológico da criança ao divórcio.

Os resultados do estudo sugerem que uma parentalidade negativa, seja em contexto de conjugalidade intacta ou em situação de divórcio se associa a um menor ajustamento psicológico dos filhos, o que mostra a relevância das práticas parentais, independentemente da situação conjugal dos pais. Os resultados também sublinham o importante papel da empatia interpessoal dos pais no exercício da parentalidade, sugerindo que pais que apresentam um estilo parental autoritativo têm uma maior capacidade de adotar os pontos de vista e de experienciar os sentimentos das pessoas em seu redor e dos filhos em particular.

O presente estudo contribuiu, pois, para um aprofundamento do conhecimento científico sobre a importância da empatia interpessoal dos pais na parentalidade e em

contexto de divórcio bem como para a reflexão sobre a intervenção clínica – preventiva e terapêutica – com pais. Assim, parece essencial uma atenção especial ao desenvolvimento e reforço da capacidade empática dos pais, particularmente em situações específicas de divórcio. Dadas as limitações metodológicas inerentes ao presente estudo, sugerimos a continuidade da investigação através de estudos longitudinais que englobem também a percepção dos filhos.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. (1979). Attachment as related to mother-infant interaction. *Advances in the Study of Behavior*, 9, 1–51. doi:10.1016/s0065-3454(08)60032-7
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Allan, R. (2016). The use of emotionally focused therapy with separated or divorced couples. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 50 (3), 526-579.
- Amato, P. R. (2010). Research on divorce: Continuing trends and new developments. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 650-666. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00723.x
- Amato, P. R. (2014). The consequences of divorce for adults and children: an update. *Drustvena Istrazivanja*, 1, 5-24. doi: 10.5559/di.23.1.01
- Amato, P. R., & Cheadle, J. E. (2008). Parental divorce, marital conflict, and children's behavior problems: A comparison of adopted and biological children. *Social Forces*, 86(3), 1139–1162. doi: 10.1353/sof.0.0025
- Amato, P. R., & Keith, B. (1991). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 110, 26–46.
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76, 1144–1159. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00840.x-i1
- Bastaitis, K., & Mortelmans, D. (2014). Does the parenting of divorced mothers and fathers affect children's well-being in the same way? *Child Indicators Research*, 7(2), 351–367. doi:10.1007/s12187-013-9228-0
- Bastaitis, K., & Mortelmans, D. (2016). Parenting as a mediator between post-divorce family structure and children's well-being. *Journal of Child and Family Studies*, 25 (7), 1-11. doi: 10.1007/s10826-016-0395-8
- Bastaitis, K., Ponnet, K., & Mortelmans, D. (2012). Parenting of divorced fathers and the association with children's self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(12), 1643–1656. doi: 10.1007/s10964-012-9783-6

- Bastaits, K., Ponnet, K., & Mortelmans, D. (2014). Do divorced fathers matter? The impact of parenting styles on well-being of the child. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55(5), 363–390. doi: 10.1080/10502556.2014.920682
- Bastaits, K., Ponnet, K., Van Peer, C., & Mortelmans, D. (2015). The parenting styles of divorced fathers and their predictors. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(5), 557–579. doi: 10.1177/0265407514541070
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887–907. doi: 10.2307/1126611
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56–95. doi: 10.1177/0272431691111004
- Bauserman, R. (2002). Child adjustment in joint-custody versus sole- custody arrangements: A meta-analytic review. *Journal of Family Psychology*, 16, 91–102. doi: 10.1037//0893-3200.16.1.91
- Bernardi, F., & Radl, J. (2014). The long-term consequences of parental divorce for children's educational attainment. *Demographic Research*, 30 (61), 1653–1680. doi: 10.4054/DemRes.2014.30.61
- Bonach, K., & Sales, E. (2002). Forgiveness as a mediator between post-divorce cognitive processes and coparenting quality. *Journal of Divorce & Remarriage*, 38, 17–38. doi: 10.1300/J087v38n01_02
- Booth A., & Amato P. (1991). Divorce and psychological stress. *Journal Health Social Behavior* 32(4), 396–407.
- Borelli, J. L., Vazquez, L., Rasmussen, H. F., Teachanarong, L., & Smiley, P. (2016). Attachment and maternal sensitivity in middle childhood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(8), 1031–1053. doi: 10.1177/0265407515616280
- Brakel, A. M. L., van Muris, P., Bögels, S. M., & Thomassen, C. (2006). A multifactorial model for the etiology of anxiety in non-clinical adolescents: Main and interactive effects of behavioral inhibition, attachment, and parental rearing. *Journal of Child and Family Studies*, 15, 568–578. doi: 10.1007/s10826-006-9061-x

- Brannigan, A., Gemmell, W., Pevalin, D. J., & Wade, T. J. (2002). Self-control and social control in childhood misconduct and aggression: The role of family structure, hyperactivity, and hostile parenting. *Canadian Journal of Criminology*, 44, 119–142.
- Bratter, J. L., & King R. B. (2008). “But will it last?”: marital instability among interracial and same-race couples. *Family Relations*, 57(2), 160–171. doi: 10.1111/j.1741-3729.2008.00491.x
- Bronte-Tinkew, J., & Moore, K. (2006). The father–child relationship, parenting styles, and youth risk behaviors. *Journal of Family Issues*, 27(6), 850–881. doi: 10.1177/0192513X05285296
- Buri, J. R., Louiselle, P. A., Misukanis, T. M., & Mueller, R.A. (1988). Effects of parental authoritarianism and authoritativeness on self-esteem. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14, 271–282. doi:10.1177/0146167288142006
- Campana, K. L., Henderson, S., Stolberg, A. L., & Schum, L. (2008). Paired maternal and paternal parenting styles, child custody and children’s emotional adjustment to divorce. *Journal of Divorce and Remarriage*, 48(3/4), 1–20. doi: 10.1300/J087v48n03_01
- Casas, J. F., Weigel, S. M., Crick, N. R., Ostrov, J. M., Woods, K. E., Jansen Yeh, E. A., Huddleston-Casas, C. A. (2006). Early parenting and children’s relational and physical aggression in the preschool and home contexts. *Applied Developmental Psychology*, 27, 209–227. doi: 10.1016/j.appdev.2006.02.003
- Chafe, D. V. (2016). Play therapy: concepts and techniques for working with divorce. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 50 (3), 580-590.
- Chao, R. K. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for Chinese Americans and European Americans. *Child Development*, 72, 1832–1843. doi: 10.1111/1467-8624.00381
- Chase-Lansdale, P. L., Cherlin, A. J., & Kiernan, K. E. (1995). The long-term effects of parental divorce on the mental health of young adults: A developmental perspective. *Child Development*, 66, 1614–1634. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00955.x
- Cohen, D., & Strayer, J. (1996). Empathy in conduct-disordered and comparison youth. *Developmental Psychology*, 32 (6), 988–998. doi: 10.1037/0012-1649.32.6.988

- Coie, J., and Dodge, K. (1998). *Aggression and antisocial behavior*. In W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology* (5th ed.), Vol. 3. Social, emotional, and personality development (N. Eisenberg, Vol. Ed.), New York, Wiley, pp. 779–862.
- Collardeau, F., & Ehrenberg, M. (2016). Parental Divorce and Attitudes and Feelings toward Marriage and Divorce in Emerging Adulthood: New Insights from a Multiway-Frequency Analysis. *Journal of European Psychology Students*, 7(1), 24–33. doi: 10.5334/jeps.341
- Cone, V. P. (2016). Self-esteem's Relations to Empathy and Parenting. *Psychological Thought*, 9(2), 184–196. doi: 10.5964/psyc.v9i2.194
- Cui, M., Fincham, F. D., & Durtschi, J. A. (2011). The effect of parental divorce on young adults' romantic relationship dissolution: What makes a difference? *Personal Relationships*, 18(3), 410–426. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01306.x
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487–496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113–126.
- Decety, J., & Jackson, P.L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, 3 (2), 71–100. doi: 10.1177/1534582304267187
- Duan, C. & Hill, C. E. (1996). The current state of empathy research. *Journal of Counseling Psychology*, 43(3), 261–74. doi: 10.1037/0022-0167.43.3.261
- Dush, C., Kotila, L., & Schoppe-Sullivan, S. (2011). Predictors of supportive coparenting after relationship dissolution among at-risk parents. *Journal of Family Psychology*, 25 (3), 356–365. doi:10.1037/a0023652
- Ehrenberg, M. F., Hunter, M. A., & Elterman, M. F. (1996). Shared parenting agreements after marital separation: The roles of empathy and narcissism. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64 (4), 808–818. doi: 10.1037/0022-006X.64.4.808
- Eisenberg, N. (2000). Emotion, regulation, and moral development. *Annual Review in Psychology*, 51, 665–697. doi: 10.1146/annurev.psych.51.1.665
- Eurostat. *Divorces Indicators* (On-line). Recuperado de <http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/submitViewTableAction.do>

- Farrant, B. M., Devine, T., Maybery, M. T., & Fletcher, J. (2012). Empathy, perspective taking and prosocial behavior: The importance of parenting practices. *Infant and Child Development*, 21(2), 175-188. doi: 10.1002/icd.740
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). *Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ-Port)* [Strengths and Difficulties Questionnaire, Portuguese Version]. Acedido em Abril, 2016, from www.sdqinfo.org.
- Freeman, H. S., & Newland, L. A. (2002). Family transitions during the adolescent transition: Implications for parenting. *Adolescence*, 37(147), 457–475.
- Friesen, M.D., Horwood, L. J., Fergusson, D. M., & Woodward, L. J. (2016). Exposure to parental separation in childhood and later parenting quality as an adult: Evidence from a 30-year longitudinal study. *Journal of Child Psychology Psychiatry*, 58, 30–37. doi: 10.1111/jcpp.12610
- Furnham, A., & Cheng, H. (2000). Perceived parental behavior: self-esteem and happiness. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 35 (10), 463–470.
- Galambos, Nancy L, Barker, Erin T& Almeida, David M. (2003) Parents Do Matter: Trajectories of Change in Externalizing and Internalizing Problems in Early Adolescence. *Child Development*, 74(2), 578–594. doi: 10.1111/1467-8624.7402017
- Gerdes, K. E., Segal, E. A., & Lietz, C. A. (2010). Conceptualising and measuring empathy. *British Journal of Social Work*, 40(7), 2326-2343. doi:10.1093/bjsw/bcq048
- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 1337-1345. doi:10.1097/00004583-200111000-00015
- Gottman, J. (1997) *Raising and emotionally intelligent child: The heart of parenting*. New York: Simon & Schuster.
- Gryczkowski, M. R., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2010). Differential relations between mothers' and fathers' parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 19 (5), 539–546. doi: 10.1007/s10826-009-9326-2
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (2), 289-298. doi: 10.1590/s0102-79722010000200011

- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In Denzin, N., K., & Lincoln, Y., S. (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hanson, T. L., McLanahan, S., & Thomson, E. (1998). Windows on divorce: Before and after. *Social Science Research*, 27 (3), 329–349. doi: 10.1006/ssre.1998.0625
- Hart, C. H., Newell, L. D., & Olsen, S. F. (2003). Parenting skills and social-communicative competence in childhood. In J. O. Greene & B. R. Burleson (Eds.), *Handbook of communication and social interaction skills* (pp. 753 – 797).
- Hart, C. M., Bush-Evans, R. D., Hepper, E. G., Hickman, H. M. (2017). The children of narcissus: Insights into narcissists' parenting styles. *Personality and Individual Differences*, 117, 249–254. doi:10.1016/j.paid.2017.06.019 0191-8869
- Hepper, E. G., Hart, C. M., & Sedikides, C. (2014). Moving Narcissus: Can narcissists be empathic? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 40 (9), 1079–1091. doi:10.1177/0146167214535812
- Hetherington, E. M., Bridges, M., & Insabella, G. (1998). What matters? What does not? Five perspectives on the association between marital transitions and children's adjustment. *American Psychologist*, 53 (2), 167–183. doi: 10.1037/0003-066X.53.2.167
- Hetherington, E. M., Cox, M., & Cox, R. (1982). *Effects of divorce on parents and children*. In M. Lamb (Ed), *Nontraditional families* (pp. 233-288). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Instituto Nacional de Estadística (2016). *Estatísticas Demográficas 2015*.
- Johnson, S. M., Hunsley, J., Greenberg, L., & Schindler, D. (1999). Emotionally focused couples therapy: Status and challenges. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 6(1), 67–79. doi: 10.1093/clipsy.6.1.67
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 9(5), 441-476. doi: 10.1016/j.avb.2003.03.001
- Jones, J. D., Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2015). Parents' self-reported attachment styles: A review of links with parenting behaviors, emotions, and cognitions. *Personality and Social Psychology Review*, 19, 44 –76. doi: 10.1177/1088868314541858

- Jurma, A. M. (2015). Impact of divorce and mother's psychological well-being on children's emotional, behavioral, and social competences. *Revista de cercetare si interventie sociala*, 48, 69-82.
- Kaczynski, K. J., Lindahl, K. M., Malik, N. M., & Laurenceau, J. P. (2006). Marital conflict, maternal and paternal parenting, and child adjustment: A test of mediation and moderation. *Journal of Family Psychology*, 20 (2), 199–208. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.199
- Katz, L. F., & Hunter, E. C. (2007) Maternal meta-emotion philosophy and adolescent depressive symptomatology. *Social Development*, 16 (2), 343- 360. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00388.x
- Kawabata, Y., Alink, L. R. A., Tseng, W. L., Van IJzendoorn, M. H., & Crick, N. R. (2011). Maternal and paternal parenting styles associated with relational aggression in children and adolescents: A conceptual analysis and meta-analytic review. *Developmental Review*, 31 (4), 240-278. doi: 10.1016/j.dr.2011.08.001
- Kolodziej-Zaleska, A., & Przybyla-Basista, H. (2016). Psychological well-being of individuals after divorce: the role of social support. *Current Issues in Personality Psychology*, 4(4), 206– 216. doi: 10.5114/cipp.2016.62940
- Krevans, J., & Gibbs, J. C. (1996). Parents' use of inductive discipline: Relations to children's empathy and prosocial behavior. *Child Development*, 67 (6), 3263-3277. doi:10.2307/1131778
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L. & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62 (5), 1049- 1065. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x
- Lansford, J.E., (2009). Parental divorce and children's adjustment. *Perspectives on Psychological Science* 4 (2), 140–152. doi: 10.1111/j.1745-6924.2009.01114.x
- Lavner, J. A., & Bradbury, T. N. (2012). Why do even satisfied newlyweds eventually go on to divorce? *Journal of Family Psychology*, 26(1), 1–10. doi:10.1037/a0025966

- Leopold, T., & Kalmijn, M. (2016). Is Divorce More Painful When Couples Have Children? Evidence From Long-Term Panel Data on Multiple Domains of Well-being. *Demography* 53(6), 1717–1742. doi: 10.1007/s13524-016-0518-2
- Limpo, T., Alves, R.A., Castro, S.L., (2010). Medir a empatia: Adaptação do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8(2), 171-184.
- Lorenz, F. O., Wickrama, K. A. S., Conger, R. D., & Elder, G. H. (2006). The short-term and decade- long effects of divorce on women’s midlife health. *Journal of Health and Social Behavior*, 47 (2), 111 – 125. doi: 10.1177/002214650604700202
- Love, K. M., & Murdock, T. B. (2004). Attachment to parents and psychological well-being: An examination of young adult college students in intact families and stephmilies. *Journal of Family Psychology*, 18 (4), 600-60. doi: 10.1037/0893-3200.18.4.600
- Manczak, E. M., DeLongis, A., & Chen, E. (2016). Does empathy have a cost? Diverging psychological and physiological effects within families. *Health Psychology*, 35(3), 211-218. doi: 10.1037/hea0000281
- Miklikowska, M., Duriez, B., & Soenens, B. (2011). Family roots of empathy-related characteristics: The role of perceived maternal and paternal need support in adolescence. *Developmental Psychology*, 47 (5), 1342-1352. doi: 10.1037/a0024726
- Milevsky, A., Schlechter, M, Netter, S. & Keehn, D. (2007). Maternal and paternal parenting styles in adolescents: Associations with self-esteem, depression and life-satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 39-47. doi: 10.1007/s10826-006-9066-5
- Minzi, M. C. R. (2013). Children’s Perception of Parental Empathy as a Precursor of Children’s Empathy in Middle and Late Childhood. *The Journal of Psychology*, 147 (6), 563-576. doi: 10.1080/00223980.2012.721811
- Nair, H., & Murray, A.D. (2005). Predictors of attachment security in preschool children from intact and divorced families. *The Journal of Genetic Psychology*, 166(3), 245–263. doi: 10.3200/GNTP.166.3.245-263
- Nelson, D. A., & Crick, N. R. (2002). Parental psychological control: Implications for childhood physical and relational aggression. In B. K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 168–189). Washington, DC: American Psychological Association.

- Orbuch, T. I., Veroff, J., Hassan, H., & Horrocks, J. (2002). Who will divorce: A 14-year longitudinal study of Black couples and White couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19 (2), 179-202. doi: 10.1177/0265407502192002
- Padilla-Walker, L. M., & Christensen, K. J. (2010). Empathy and self-regulation as mediators between parenting and adolescents' prosocial behavior toward strangers, friends and family. *Journal of Research on Adolescence*, 21 (3), 545–551. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00695.x
- Park, H., & Bauer, S. (2002). Parenting practices, ethnicity, socioeconomic status and academic achievement in adolescents. *School Psychology International*, 23(4), 386-395. doi: 10.1177/0143034302234002
- Pasley, K., & Braver, S. L. (2004). Measuring father involvement in divorced, non-resident fathers. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.) *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 217–240). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Payne, M. (2000). *Narrative therapy*. An introduction for counsellors. London: Sage.
- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting styles and dimensions questionnaire – versão portuguesa de autorrelato. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312, doi: 10.1590/1678-7153.201528210.
- Pereira, M. G., & Pinto, H. (2015). Women's Perception of Separation/Divorce in Portugal: A Sociodemographic Profile. *Journal of Divorce & Remarriage*, 56(4), 300–316. doi: 10.1080/10502556.2015.1025896
- Perrig-Chiello, P., Hutchison, S., & Morselli, D. (2015). Patterns of psychological adaptation to divorce after a long-term marriage. *Journal of Social and Personal Relationships*, 32(3) 386–405. doi:10.1177/0265407514533769.
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: an updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, 53(5), 873-932. doi: 10.1037/dev0000295
- Richaud, M. C., Mesurado, B., & Lemos, V. (2013). Links Between Perception of Prenatal Actions and Prosocial Behavior in Early Adolescence. *Journal of Child and Family Studies* 22(5), 637–646. doi: 10.1007/s10826-012-9617-x

- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S., & Hart, C. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques: Vol. 3. Instruments & Index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rogers, C. (1975). Empathic: An unappreciated way of being. *The Counseling Psychologist*, 5(2), 2–10. doi: 10.1177/001100007500500202
- Ruschena, E., Prior, M., Sanson, A., & Smart, D. (2005). A longitudinal study of adolescent adjustment following family transitions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46 (4), 353–363. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00369.x
- Schaffer, M., Clark, S., & Jeglic, E. L. (2009). The role of empathy and parenting style in the development of antisocial behaviors. *Crime & Delinquency*, 55 (4), 586 –599. doi: 10.1177/0011128708321359
- Shumow, L., Vandell, D., & Posner, J. (1998). Harsh, firm and permissive parenting in low-income families: Relations to children's academic achievement and behavioral adjustment. *Journal of family issues*, 19 (5), 483-507. doi: 10.1177/019251398019005001
- Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28 (2), 212–241. doi: 10.1177/0192513X06294593
- Soenens, B., Duriez, B., Vansteenkiste, M., & Goossens, L. (2007). The intergenerational transmission of empathy related responding in adolescence: The role of maternal support. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33 (3), 299–311. doi: 10.1177/0146167206296300
- Stallman, H. M., & Ohan, J. L. (2016). Parenting style, parental adjustment, and co-parental conflict: Differential predictors of child psychosocial adjustment following divorce. *Behavior Change*, 33(2), 112-126. doi:10.1017/bec.2016.7
- Stern, J. A., Borelli, J. L., & Smiley, P. A. (2015). Assessing parental empathy: A role for empathy in child attachment. *Attachment & human development*, 17, 1–22. doi:10.1080/14616734.2014.969749

- Stewart, S. M., & Bond, M. H. (2002). A critical look at parenting research from the mainstream: Problems uncovered while adapting western research to non-western cultures. *British Journal of Developmental Psychology*, 20 (3), 379-392. doi: 10.1348/026151002320620389
- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16 (2), 310–325. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x
- Størksen, I., Thorsen, A. A., Øverland, K., & Brown, S. R. (2012). Experiences of daycare children of divorce. *Early Child Development and Care*, 182(7), 807-825. doi: 10.1080/03004430.2011.585238
- Stormshak, E. A., Bierman, K. L., McMahon, R. J., & Lengua, L. J. (2000). Parenting practices and child disruptive problems in early elementary school. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(1), 17–29. doi: 10.1207/S15374424jccp2901_3
- Strayer, J., & Roberts, W. (2004). Empathy and observed anger and aggression in five-year-olds. *Social Development*, 13, 1–13. doi: 10.1111/j.1467-9507.2004.00254.x
- Strohschein, L. (2007). Challenging the presumption of diminished capacity to parent: Does divorce really change parenting practices? *Family Relations*, 56 (4), 358–368. doi: 10.1111/j.1741-3729.2007.00465.x
- Sweeney, M., & Phillips, J. (2004). Understanding racial differences in marital disruption: Recent trends and explanations. *Journal of Marriage and Family*, 66 (3), 639-650. doi: 10.1111/j.0022-2445.2004.00043.x
- Symoens, S., Colman, E., & Bracke, P. (2014). Divorce, conflict, and mental health: How the quality of intimate relationships is linked to post-divorce well-being. *Journal of Applied Social Psychology*, 44 (3), 220–233. doi: 10.1111/jasp.12215
- Tschann, J.M., Johnson, J.R., & Wallerstein, J.S. (1989). Family processes and children's functioning during divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 51 (2), 431–444.
- Uphold-Carrier, H., & Utz, R. (2012). Parental divorce among young and adult children: A long-term quantitative analysis of mental health and family solidarity. *Journal of Divorce & Remarriage*, 53(4), 247-266. doi: 10.1080/10502556.2012.663272

- VanFleet, R., Sywulak, A. E. & Sniscak, C. C. (2010). *Child Centered Play Therapy*. New York: The Guilford Press.
- Vélez, C. E., Wolchik, S. A., Tein, J., & Sandler, I. (2011). Protecting children from the consequences of divorce: A longitudinal study of the effects of parenting on children's coping processes. *Child Development*, 82, 244– 257. doi: 10.1111/j.1467-8624.2010.01553.x
- Wade, T. J., & Pevalin, D. J. (2004). Marital transitions and mental health. *Journal of Health & Social Behavior*, 45 (2), 155-170. doi: 10.1177/002214650404500203
- Waite, L., Luo, Y., & Lewin, A. (2009). Marital happiness and marital stability: Consequences for psychological well-being. *Social Science Research*, 38(1), 201-212. doi: 10.1016/j.ssresearch.2008.07.001
- Wang, H. & Amato, P.R. (2000) Predictors of divorce adjustment: stressors, resources, and definitions. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (3), 655-668. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00655.x
- Weaver, J. M., & Schofield, T. (2015). Mediation and moderation of divorce effects on children's behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 29, 39-48. doi:10.1037/fam0000043.
- Williams, L. R., Degnan, K. A., Perez-Edgar, K. E., Henderson, H. A., Rubin, K. H., Pine, D. S., et al. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37 (8), 1063–1075. doi: 10.1007/s10802-009-9331-3
- Williamson, H. C., Nguyen, T. P., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2015). Are problems that contribute to divorce present at the start of marriage, or do they emerge over time? *Journal of Social and Personal Relationships*, 33(8). doi: 10.1177/0265407515617705
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12. doi: 10.1016/j.ecresq.2005.01.007
- Wispé, L. (1986) The distinction between sympathy and empathy: to call forth a concept, a word is needed. *Journal Personality and Social Psychology*, 50(2), 314–321. doi: 10.1037/0022-3514.50.2.314

- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalization: anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34 (3), 521–532. doi: 10.1016/S0191-8869(02)00092-2
- Zhou Q., Eisenberg N., Losoya S.H., Fabes R.A., Reiser M., Guthrie, I., K., ... Shepard, S., A. (2002). The relations of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy related responding and social functioning: a longitudinal study. *Child Development*, 73(3), 893– 915. doi: 10.1111/1467-8624.00446

ANEXO

Excertos do Protocolo

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

A investigação, para a qual pedimos a sua colaboração, decorre no âmbito de um projecto de investigação sobre Parentalidade e Trajectórias de Resiliência, sob orientação científica da Professora Doutora Isabel Narciso, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo tem como finalidade compreender o modo como pais e mães lidam com a **vivência da parentalidade**, e quais os factores que a influenciam.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus filhos, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam diversas temáticas relevantes para a parentalidade. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do seguinte endereço eletrónico: inarciso@psicologia.ulisboa.pt. Através deste contacto, os participantes poderão, também, se assim considerarem necessário, solicitar apoio psicológico no Serviço à Comunidade da FPUL.

Consentimento Informado

Ao aceitar a sua participação neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido; participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo.

Grata pela sua participação!

O participante

Data

___ / ___ / ___

(SDQ-Por) (Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

Encontra, de seguida, 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma **cruz**, um dos seguintes quadrados: não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no **comportamento do seu filho, nos últimos seis meses**.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
1. É sensível aos sentimentos dos outros.			
2. É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca pára quieto(a).			
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			
4. Partilha facilmente com as outras crianças (doces, brinquedos, lápis, etc).			
5. Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras.			
6. Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho(a).			
7. Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam.			
8. Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado(a).			
9. Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.			
10. Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos.			
11. Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga.			
12. Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as.			
13. Anda muitas vezes triste, desanimado(a) ou choroso(a).			
14. Em geral as outras crianças gostam dele(a).			
15. Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar.			
16. Em situações novas é receoso(a), muito agarrado(a) e pouco seguro(a).			
17. É simpático(a) e amável com crianças mais pequenas.			
18. Mente frequentemente ou engana.			
19. As outras crianças metem-se com ele(a), ameaçam-no(a) ou intimidam-no(a).			
20. Sempre pronto(a) a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças).			
21. Pensa nas coisas antes de as fazer.			
22. Rouba em casa, na escola ou em outros sítios.			
23. Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças.			
25. Tem muitos medos, assusta-se com facilidade.			
25. Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção.			

EAHP (Narciso & Santos, 2013)

Apresenta-se a seguir um conjunto de questões que remetem para a relação com o seu filho. Centre-se, por favor, na forma como habitualmente se comporta face ao seu filho. Leia com muita atenção cada questão, e responda a cada uma delas com base nas quatro alternativas possíveis, fazendo uma cruz naquela que melhor se aplica ao seu caso. Por favor, responda a todas as questões.

		Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes
1	É carinhoso(a) com o seu filho?				
2	Castiga o seu filho severamente, mesmo no caso de pequenas asneiras?				
3	Tenta acalmar o seu filho quando ele está agitado/inquieto/irritado?				
4	Percebe quando o seu filho precisa de apoio/consolo?				
5	Deixa de falar com o seu filho, quando está zangado(a), ou para o castigar?				
6	Grita com o seu filho?				
7	Mostra ao seu filho que o valoriza?				

b) Digo-lhe que se começar a chorar teremos de ir para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos mal.	1	2	3	4	5	6	7
d) Conforto-o e tento ajudá-lo a pensar em algo feliz.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ajudo-o a pensar numa outra coisa para fazer.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se vai sentir melhor em breve.	1	2	3	4	5	6	7
11. Se o meu filho está a brincar com outras crianças, uma delas lhe chama nomes e ele começa a ficar trémulo e a chorar, eu:							
a) Digo-lhe para não dar muita importância.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico eu aborrecido(a).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para se portar bem ou vamos diretos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar no que pode fazer quando os outros implicam com ele (ex. procurar outras coisas para fazer).	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o e faço com ele um jogo para que ele se esqueça do que o aborreceu.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar de como magoa ser gozado.	1	2	3	4	5	6	7
12. Se o meu filho é tímido e fica amedrontado, chora e quer ficar no quarto sempre que recebemos visitas em casa, eu:							
a) Ajudo-o a pensar no que pode fazer para que não seja tão assustador estar com visitas (ex. pegar no brinquedo favorito).	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que não tem mal sentir-se nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
c) Tento que se distraia, falando das coisas divertidas que pode fazer com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
d) Sinto-me desconfortável e aborrecido(a) por causa da reação dele.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que tem de ficar na sala e estar com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7

QDEP (Robinson, Mandelco, Olsen & Hart, 2001; versão portuguesa: Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2007)

As seguintes afirmações pretendem perceber com que frequência e de que modo atua com o seu filho. Depois de escolher a sua resposta, assinala-a com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10. Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Conforto e sou compreensivo(a) quando o meu filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
13. Quando o meu filho se comporta mal, falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14. Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17. Ameaço o meu filho com castigos, mais vezes do que o castigo efetivamente.	1	2	3	4	5
18. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20. Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumprio.	1	2	3	4	5
21. Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23. Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5

25. Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26. Uso ameaças como castigos, dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27. Tenho momentos de grande afetividade e carinho com o meu filho.	1	2	3	4	5
28. Castigo o meu filho, deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29. Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas ações.	1	2	3	4	5
30. Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31. Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
32. Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

IRI (Davis, 1983; versão portuguesa: Limpo, Alves, & Castro, 2010)

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5

1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	1	2	3	4	5
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	1	2	3	4	5
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	1	2	3	4	5
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	1	2	3	4	5
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo(a).	1	2	3	4	5
6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	1	2	3	4	5
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	1	2	3	4	5
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	1	2	3	4	5
9. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	1	2	3	4	5
10. É raro ficar completamente envolvido(a) num bom livro ou filme.	1	2	3	4	5
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer calmo(a).	1	2	3	4	5
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	1	2	3	4	5
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	1	2	3	4	5
14. Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	1	2	3	4	5
15. Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	1	2	3	4	5
16. Fico muitas vezes emocionado(a) com coisas que vejo acontecer.	1	2	3	4	5
17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	1	2	3	4	5
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	1	2	3	4	5
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	1	2	3	4	5
20. Tendo a perder o controlo em situações de emergência.	1	2	3	4	5
21. Quando estou aborrecido(a) com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	1	2	3	4	5
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	1	2	3	4	5
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido(a).	1	2	3	4	5
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	1	2	3	4	5

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem
1	2	3	4	5